



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Ana Paula Florêncio Margarido de Azevedo

**O jornalismo na saúde: uma visão  
transcontinental**

Junho de 2009



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Ana Paula Florêncio Margarido de Azevedo

## **O jornalismo na saúde: uma visão transcontinental**

Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação  
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efectuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Felisbela Maria Carvalho Lopes**

Junho de 2009

## DECLARAÇÃO

Nome: Ana Paula Florêncio Margarido de Azevedo

Endereço electrónico: anamargarido@gmail.com. Telefone: 91 90 45 419

Número do Bilhete de Identidade: C O 60 40 20 (passaporte)

Título dissertação ☒/tese ☐: O jornalismo na saúde: uma visão transcontinental

Orientador: Prof. Doutora Felisbela Maria Carvalho Lopes. Ano de conclusão: 2009

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento: Ciências da Comunicação – Informação e Jornalismo

Declaro que concedo à Universidade do Minho e aos seus agentes uma licença não-exclusiva para arquivar e tornar acessível, nomeadamente através do seu repositório institucional, nas condições abaixo indicadas, a minha dissertação, no todo ou em parte, em suporte digital.

Declaro que autorizo a Universidade do Minho a arquivar mais de uma cópia da dissertação e a, sem alterar o seu conteúdo, converter a dissertação entregue, para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, para efeitos de preservação e acesso.

Retenho todos os direitos de autor relativos à dissertação, e o direito de a usar em trabalhos futuros (como artigos ou livros).

Concordo que a minha dissertação seja colocada no repositório da Universidade do Minho com o seguinte estatuto:

1. ☒ Disponibilização imediata do conjunto do trabalho para acesso mundial;
2. ☐ Disponibilização do conjunto do trabalho para acesso exclusivo na Universidade do Minho durante o período de ☐ 1 ano, ☐ 2 anos ou ☐ 3 anos, sendo que após o tempo assinalado autorizo o acesso mundial.
3. ☐ Disponibilização do conjunto do trabalho para acesso exclusivo na Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 10/06/2009

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

A realização deste trabalho só foi possível pelo esforço conjunto de amigos, familiares, professores e profissionais da área de comunicação. Por esse motivo, agradeço primeiramente aos meus pais, José Carlos e Maria Aparecida, pelo suporte, ao meu marido, Manuel, pela dedicação e, ao meu filho, David, pela ausência no seu primeiro ano de vida. Agradeço também os meus irmãos Denise, Fabrício e Raphael, a minha cunhada Letícia e o meu sobrinho Luigi, pela presença nos momentos em que era preciso parar, repensar e retomar o fôlego.

Merecem ainda destacados agradecimentos: o Professor Doutor Manuel Joaquim Pinto, por possibilitar que o meu estágio decorresse no Brasil; a Professora Doutora Felisbela Maria Carvalho Lopes, por acompanhar e orientar o meu percurso nesta investigação; a minha amiga Raquel Lima, que intermediou o estágio no jornal “Correio Popular”; o diretor Nelson Homem de Melo, que permitiu o livre acesso a todos os corredores do jornal, o editor executivo, Marcelo Pereira, em nome do qual agradeço a todos os editores; a jornalista Delma Medeiros, pela disponibilidade, em nome da qual agradeço a todos os jornalistas da redação e toda a equipe do Centro de Documentação do “Correio Popular”.



## **O jornalismo na saúde: uma visão transcontinental**

### **Resumo**

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a mediatização da saúde. Buscamos fundamentá-lo em três frentes: o enquadramento teórico, a análise de 1049 artigos de saúde publicados no intervalo de seis meses nos jornais “Público” (português) e “Correio Popular” (brasileiro) e uma observação participativa na redação deste último, durante três meses. Com a análise da tipologia das fontes e das temáticas abrangidas pelo jornalismo no campo da saúde, procuramos oferecer uma visão transcontinental da notícia e por meio dela responder à seguinte questão: há muitos ou um único jornalismo de saúde, consoante o país, as particularidades editoriais e a questão econômica de cada meio de comunicação? O resultado sugere, relativamente aos temas, uma standardização dos jornais, apesar das linhas editoriais divergentes entre eles. Com relação às fontes de informação, numa primeira abordagem, encontramos um aparente diferenciação entre ambos, evidenciando, por um lado, características elitistas no jornal português e, por outro lado, as tendências populares do veículo brasileiro. Mas, numa análise mais profunda, verificamos uma igualdade no recurso às fontes oficiais, especializadas institucionais e aos meios de comunicação como definidores primários da notícia.



## **Journalism in health: a transcontinental vision**

### **Abstract**

This work intends to reflect upon the mediatisation of health. We will try to base it in three main lines: a theoretical framing, the analysis of 1049 health articles published within a six months period in the newspaper “Público” (Portuguese) and “Correio Popular” (Brazilian), and a three months participatory research in the editorial office of the latter. By analysing the sources’ typology and the themes comprised by journalism in the field of health, we intend to offer a transcontinental view of news and through that answer the following question: are there many types of health journalism or just one that varies from country to country, has specific editorial characteristics/particularities, and takes into account the economic factor of each media? As to the themes, results suggest newspaper standardization despite the divergent editorial lines between them. As to the information sources, in the first approach we found an apparent differentiation, establishing, on one hand, elitist characteristics in the Portuguese newspaper and, on the other hand, popular characteristics in the Brazilian newspaper. However, in a deeper analysis we ascertained an equal status when it comes to the use of official sources, specialists and in setting the media as the definers of the news.





## ÍNDICE

Introdução	1
------------	---

### **Parte I – Comunicando a saúde**

1. A saúde em foco	3
1.1. A Narrativa em saúde	9
1.2. O impacto das notícias	10
1.3. A força da agenda mediática	12
1.4. O espetáculo da notícia	16
1.5. As fontes no jornalismo de saúde	19
2. Os jornais em perfil	19
2.1. Do “Correio Popular”	19
2.2. Do “Público”	22

### **Parte II – Os temas como identidade**

3. Os caminhos da pesquisa	27
4. Das Fontes	30
5. O “Público” e o “Correio Popular” em análise	31
5.1. Raio X do Público	31
5.1.1. A saúde em segundo plano	33
5.1.2. Contra o relógio	35
5.1.3. A predominância dos fatos nacionais	36
5.1.4. Conclusão	37
5.2. Radiografia do “Correio Popular”	38
5.2.1. O lugar das notícias	40
5.2.2. Sem espaço para a saúde	42
5.2.3. O “Correio Popular” em cima da notícia	43
5.3. Relação “Público” vs. “Correio Popular”	44

### Parte III – O DNA das fontes

6. Caracterizando as fontes	47
6.1. De onde são as fontes do “Público”	47
6.1.1. A supremacia masculina	48
6.1.2. Identidade obrigatória	49
6.1.3. O “Público” e o papel das fontes oficiais	50
6.1.4. O “Público” e os media	51
6.1.5. Os profissionais de saúde como fontes	51
6.1.6. Os políticos e a saúde	52
6.1.7. Conclusão	53
6.2. A origem das fontes no “Correio Popular”	53
6.2.1. Um jornal no feminino?	53
6.2.2. Identificação compulsória	54
6.2.3. O “Correio Popular” e os <i>media</i>	55
6.2.4. Fontes por eleição e o papel dos assessores	55
6.2.5. A voz do cidadão	57
6.2.6. Conclusão	58
6.3. As fontes como geradoras de eventos: uma comparação	58
7. Considerações finais	61
 Bibliografia	 63
 <b>Anexo:</b> Diário de estágio	  67

### ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 1- Motivos de noticiabilidade no “Público”	32
Tabela 2 – Temas secundários no “Público”	33
Tabela 3 – Portugal nas notícias	37
Tabela 4 – Os temas do “Correio Popular”	38
Tabela 5 – Temas do “Correio Popular” por seção	41
Tabela 6 – De onde são as fontes do “Público”	48

Tabela 7 – As fontes em números no “Público”	50
Tabela 8 – Distribuição das notícias por gênero e profissão	54
Tabela 9 – O estatuto das fontes no “Correio Popular”	56
Tabela 10 – Semelhança das fontes	59

## **ÍNDICE DOS GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Notícias por seção (Público)	34
Gráfico 2 – O tamanho das notícias (Público)	35
Gráfico 3 – O predomínio das notícias breves (Correio Popular)	42
Gráfico 4 – Quando o tempo importa (Correio Popular)	44
Gráfico 5 – As fontes não-especializadas no Público	52
Gráfico 6 – Fontes não-especializadas na saúde (Correio Popular)	57



## Introdução

Este é um estudo sobre a saúde como um produto dos meios de comunicação. Visa, sobretudo, lançar um olhar reflexivo sobre a forma como os *media*, nomeadamente os jornais impressos, constroem as histórias de saúde e sobre a percepção dos jornalistas acerca deste tema.

Numa época de democratização do acesso à informação, perceber quais são os dados lançados nesse campo pode significar, em casos extremos, o limite entre salvar ou arriscar a vida de muitos, principalmente porque não se discute o valor pedagógico dos jornais. Neste contexto, analisar a sociologia das fontes de informação e as temáticas que sustentam a agenda mediática no campo da saúde pode não apenas contribuir para melhorar as notícias no setor<sup>1</sup>, no sentido de acentuar as qualidades e atenuar os equívocos, mas ampliar a relação de confiança entre os meios de comunicação e a audiência.

Embora o tema venha atraindo a atenção dos *media* nos últimos 20 anos, ainda são poucos os estudos sobre a mediatização da saúde no Brasil e em Portugal. É na América, particularmente nos Estados Unidos, e no Reino Unido que se produz a maior parte de estudos científicos sobre comunicação nessa área.

Esta dissertação ergue-se sobre três pilares: um trabalho de revisão bibliográfica, a análise empírica dos temas e das fontes de informação dos jornais “Público” (português, de referência nacional) e “Correio Popular” (brasileiro, de referência regional) e a observação participativa neste último, com entrevistas a jornalistas e editores, resultando num diário da redação.

Os artigos de revisão foram selecionados depois de uma busca exaustiva em duas bases de dados online: “Sage” e “Pubmed”. Da pesquisa booleana na Sage obtivemos 743 artigos contendo a palavra *health*; 687 com a intersecção das palavras *health* e *communication*, 299 continham as palavras *health*, *communication* e *journalism*. Com as palavras *health*, *communication*, *journalism* e *sources*, encontramos 199 artigos publicados. A leitura de parte selecionada desses artigos (*papers*) também nos forneceu outras referências, que encontramos em livros e capítulos de obras dedicadas ao jornalismo.

Na primeira parte deste projeto, para além do enquadramento teórico, caracterizamos, sob a perspectiva histórica, editorial e de mercado, os dois jornais que nos serviram de ferramenta e teorizamos o conceito de jornalismo de saúde, trilhando os caminhos do seu surgimento até chegarmos à forma como ele se apresenta atualmente.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi escrito segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico, vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009. Nas palavras de grafia facultativa, optamos pela brasileira.

Na segunda parte, procuramos analisar, através de uma amostra de 1049 edições dos títulos acima referidos, os temas que influenciam a agenda mediática no campo da saúde em cada um dos jornais, a fim de identificarmos semelhanças e diferenças entre eles. A terceira parte desta dissertação reúne o esforço de classificação das fontes de informação, a fim de percebermos o papel social de cada uma delas nos meios de comunicação em estudo.

## **Parte I – Comunicando a saúde**

### **1. – A saúde em foco<sup>2</sup>**

Desde o surgimento da imprensa, saúde e doença ocupam espaço nas páginas dos mais importantes periódicos mundiais. O interesse pelo noticiário de saúde atingiu seu apogeu entre os anos 80 e 90 do século XX (Favereau, 2005; Schwitzer, 2002). Há autores que sugerem que o pós-11 de Setembro (Tanner, 2004) deu significativa contribuição para esse quadro, apontando o bioterrorismo com um importante fator para o crescente interesse pelas notícias de saúde.

A história do jornalismo de saúde, no entanto, confunde-se com a própria história do jornalismo. No século XIX, as ciências começam a ter alguma relevância no contexto social. Em Portugal, (Reis, 2005) “o ‘Jornal Enciclopédico’ constituiu um marco incontornável na história da divulgação científica”. No Brasil, podemos citar como exemplo o “Patriota”, com forte traço europeu, uma vez que fora fundado por imigrantes, muitos deles portugueses forçados a deixar o seu país.

Na década de 70 do século XX, o movimento feminista faz crescer o interesse pela saúde e a mediatização foi-se tornando mais nítida. Mas, como já afirmamos, é na década de 80, com a revelação do aumento do número de casos de AIDS, que o interesse jornalístico pelo campo da

---

<sup>2</sup> Antes de aprofundar nas questões da saúde no jornalismo, é necessária uma pequena nota de esclarecimento: todas as citações literais da bibliografia utilizada foram feitas no idioma dos textos originais, a fim de evitar imprecisões de conceitos, que fatalmente ocorrem numa tradução.



saúde chega ao topo, defende Éric Favereau (2005), especialista em notícias de saúde, do diário francês «Libération». A internet, nos anos 90, vem abrir as fronteiras do conhecimento científico e, com isso, a disseminação de informação no campo da saúde ultrapassa os limites da ciência e do jornalismo.

Uma das primeiras manifestações do jornalismo de saúde europeu aconteceu por volta da década de 50, com uma médica francesa a escrever semanalmente para médicos no diário francês «Le Monde». Apesar de escrever para médicos, colocava em pauta assuntos de relevante interesse popular. Tal fato iria consolidar, anos mais tarde, na França da década de 70, a figura do doutor-jornalista.

Conforme assinala Favereau (2005), temas como a interrupção voluntária da gravidez, por exemplo, deram também voz à população civil organizada (sindicatos e organizações feministas). Mas foram as perguntas sem respostas colocadas pelo surgimento da AIDS que despertaram o interesse da imprensa para um jornalismo de saúde mais eficaz e efetivo.

«Devant l’impuissance de la médecine, face aux lenteurs des pouvoirs publics à prendre la mesure de cette épidémie, les malades du SIDA, les patients, vont peu à peu jouer un rôle essentiel. La chose est facilitée par l’éclatement du corps médical en tant que tel, parce qu’il n’a pas de réponse satisfaisante et que, à l’inverse, de nombreuses erreurs d’analyse et d’appréciation sont même commises par des spécialistes renommés, dont les jugements ont été utilisés au cours des procès du sang contaminé”. (Favereau, 2005:23)

Nos EUA (Johnson, 1998), o interesse pela saúde dos presidentes sempre fez os órgãos de comunicação social voltarem os olhos para a cobertura no campo da saúde. Mas um ataque cardíaco do presidente Dwight Eisenhower, em setembro de 1955, viria abalar as reportagens de saúde. As informações publicadas não somente revelavam o estado de saúde do presidente como também intimidades de Eisenhower. Atualmente, os profissionais de saúde e pesquisadores vêm com certa reserva a cobertura jornalística nesse domínio. Nelkin (1996) afirma que a classe científica tem um entendimento diferente dos jornalistas naquilo que chamam notícias de ciências, no modo como reportam as informações de saúde ao público e, ainda, uma crescente preocupação com a questão da credibilidade. A autora de inúmeros ensaios ligados à ciência e tecno-

logia entende que, desde que cientistas e jornalistas precisam um do outro para comunicar ao público, há um conflito permanente entre eles.

Precisamos, aqui, de fazer uma ressalva no sentido de referirmos que há diferentes formas de se comunicar a saúde como, de fato, perceberemos mais à frente (artigos científicos, revistas médico-científicas, jornais especializados). Este trabalho pretende focar apenas os artigos jornalísticos dos *media* generalistas. Os artigos científicos diferem dos textos jornalísticos, basicamente porque os primeiros necessitam de *peer review*, no qual os artigos são analisados e sujeitos à aprovação de iguais, especialistas da mesma área.

Antes de avançarmos com as particularidades do jornalismo da saúde ou, de um modo mais amplo, da comunicação da saúde, é crucial estarmos cientes dos conceitos que envolvem esse campo nas relações sociais e como tais termos se refletem nos meios de comunicação. Devemos, no entanto, ter em conta que os conceitos de saúde e jornalismo variam para diferentes autores e que a complexidade na definição dos termos impõe uma escolha nem sempre isenta.

Citando Radley (1994), Traverso-Yépez (2007:225) diz que “as dificuldades inerentes à definição conceitual sobre promoção de saúde são decorrentes da própria dificuldade de se definir saúde, não só pelas diferentes dimensões que perpassam o conceito: social, psicológica, econômica, espiritual, além da biomédica, mais tradicional. A maior dificuldade reside no fato da saúde ser, antes de mais nada, uma experiência individual. As formas como as pessoas percebem sua saúde e os meios como cuidam dela são tão diversas quanto as diferentes formas de significar e experimentar a vida. São formas perpassadas por processos de subjetivação dependentes das histórias de vida das pessoas, bem como da complexa rede de interações que fazem parte do cotidiano das mesmas”.

O dicionário Houaiss de Língua Portuguesa refere-se ao termo como o substantivo feminino que designa o “estado de equilíbrio dinâmico entre o organismo e seu ambiente, o qual mantém as características estruturais e funcionais do organismo dentro dos limites normais para a forma particular de vida (raça, gênero, espécie) e para a fase particular de seu ciclo vital”.

Um terceiro entendimento para o termo, que apresenta, de certa forma, a junção dessas duas últimas acepções, consta da Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS), cuja definição adotaremos para este trabalho. “Saúde é um estado completo de bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou enfermidade”. Segundo os princípios da

OMS, “a saúde de todos os povos é fundamental para a paz e a segurança e depende da plena cooperação dos indivíduos e do Estado”.

“A extensão a todos os povos dos benefícios de assistência médica, psicológica, e a noção de que a informação e cooperação ativa por parte do público são de maior importância para a melhoria da saúde das pessoas” são duas outras asserções que encabeçam uma série de artigos da agência da Organização das Nações Unidas (ONU).

Tendo observado algumas das definições do termo saúde, precisamos conjugá-lo com as interpretações de acadêmicos e jornalistas sobre o que vem a ser jornalismo, no seu sentido mais amplo, a fim de percebermos como estas duas matérias vão dar origem ao jornalismo de saúde.

Ao usarmos novamente o dicionário Houaiss, encontramos para tal substantivo “atividade profissional que visa coletar, investigar, analisar e transmitir periodicamente ao grande público, ou a segmentos dele, informações da atualidade, utilizando veículos de comunicação (jornal, revista, rádio, televisão, etc.) para difundi-las”. Etimologicamente, de acordo com o Dicionário Online de Etimologia, a palavra jornal (*journal*) deriva do latim *diurnallis*.

Na visão de Ferrareto (2006: 207), o jornalismo é uma atividade de mediação entre diferentes saberes e que traz para o domínio público fatos ocorridos em determinada instância antes restritos aos seus limites.

O jornalista Clóvis Rossi (1980) entende que “jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens”. Rossi (1980: 9) defende que “essa batalha pelas mentes e corações, entretanto, é temperada por um mito – o mito da objetividade – que a maior parte da imprensa [brasileira] importou dos padrões norte americanos”.

Gradim (2000:21) empresta do autor Manuel Piedrahita (1993:29) a seguinte frase assertiva: “Jornalismo, na definição do escritor britânico [Gilbert Keith] Chesterton, é dizer que Lord Jones morreu a pessoas que nunca souberam que ele estava vivo”. Para a autora, a questão da objetividade deve ser vista não pelo viés científico e epistemológico da palavra. “Objectividade significa que, com todos os condicionalismos subjacentes à actividade de informar, é possível produzir informação que relata de forma rigorosa e isenta os acontecimentos que tem por base. A

própria multiplicação das instâncias de selecção de notícias [pelos jornalistas] pode ser entendida não como condição restritiva mas como garante dessa objectividade”.

No entendimento de Hodgetts et al. (2007), as histórias são fortemente formatadas pelos jornalistas considerando seu público, as fontes, suas normas profissionais e a prática institucional, o que vem reforçar a ideia da inexistência de uma objetividade ou pelo menos não no seu sentido aristotélico. Em outras palavras, a visão subjetiva do jornalista (Aubernas & Benassayag, 1999) é uma questão condicionante na cobertura dos acontecimentos e transmissão da verdade. O fato de cada jornalista ter um olhar diferente do mundo também vai influenciar no modo como transmite a informação, colocando mais uma vez em xeque a questão da subjetividade/objetividade.

Alguns autores (Bueno da Costa, s/d; Logan, 2001) defendem que o campo da saúde está inserido num campo maior da comunicação social que é o científico, também ele parte integrante do campo social de ainda maior dimensão. Portanto, fazer jornalismo de saúde seria, em tese, também “divulgar” ciência e tecnologia. Aqui é preciso abrir um parêntese: a palavra divulgar vêm entre aspas porque deve obedecer a determinados padrões jornalísticos tais como a periodicidade, a atualidade e o interesse público, como de resto defendem inúmeros estudiosos. No *website* “Portal do Jornalismo Científico”,<sup>3</sup> o termo “divulgação científica” é definido como “um caso particular [...], uma forma de divulgação endereçada ao público leigo, mas que obedece ao padrão de produção jornalística”.

Embora o relato das descobertas científicas exista muito antes da era de Gutemberg, o interesse por essa área tem crescido à medida em que suscita interesse do público externo às ciências, à pesquisa, ao mundo acadêmico. Veras Júnior (2005:25) argumenta que, “embora os temas ligados à ciência sejam sempre vistos como ‘reservados’ a uma elite intelectual, as publicações do gênero têm conseguido crescer de maneira significativa. Isto se explica por inúmeros fatores, entre eles: uma maior presença dos bens científicos e de alta tecnologia no cotidiano dos indivíduos; a informatização de inúmeras atividades sociais; a evolução técnica da medicina e dos medicamentos; da indústria da estética, dos cosméticos e dos eletrodomésticos”.

Schwitzer (1992) ressalta, no entanto, que, ao contrário do que ocorre na televisão, onde as notícias de saúde, crime e clima encabeçam o noticiário, na imprensa escrita elas ocupam um plano secundário e poucas vezes são chamadas de primeira página, apesar de haver repórteres específicos destacados para a cobertura.

---

<sup>3</sup> <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/conceitos/jornalismocientifico.php>

No âmbito do espaço dedicado às notícias de ciências nos meios de comunicação impressos, dois pontos chamam a atenção de estudiosos dos *media*. O primeiro diz respeito ao espaço propriamente dito, normalmente pequeno se comparado com outros assuntos e em relação ao total de páginas de um jornal (Pellichia, 1997). O segundo ponto levanta a questão dos temas cobertos pelos jornalistas e o tipo de cobertura desenvolvida. Para além de os temas em destaque não variarem, alguns pesquisadores (cf. Pellichia, 2007) encontraram inúmeras lacunas de informação nas peças publicadas.

Ao estudar, em 2000, jornais holandeses, Hijmans et al. (2003) descobriram que as peças científicas são geralmente maiores quando publicadas em secções específicas dedicadas às ciências. E o problema de terem um espaço relativamente reduzido noutras secções pode explicar o fato de as notícias serem superficiais. Quer isso dizer que falta espaço para explicar melhor certos dados e posições científicas que deixariam as peças mais claras. Os académicos notaram (2003: 161) também um crescimento de suplementos semanais dedicados à saúde e às ciências médicas. No “New York Times”, o jornal de maior influência no mundo, a saúde e as ciências médicas têm maior destaque no seu caderno semanal Science Times (Clark & Illman, 2006).

De fato, como já referimos anteriormente neste capítulo, podemos dizer que houve um aumento pelo interesse por assuntos científicos, nas décadas de 80 e 90. No entanto, no “Times” não foi sempre assim. Clark & Illman (2006: 511) referem que:

“...The picture was quite different in some years than in others. In the first year we examined, 1980, health, medicine, and behaviour stories were most prominent. In our 1985 sample, however, technology and engineering stories received proportionately more attention. Then, in the 1990s, the physical, earth, and life sciences were most prominent. In 2000, after the redesign and the decision to focus more on medicine and health again, these topics had regained predominance”.

Hijmans et al. (2003:161) analisaram oito jornais holandeses de diferentes classificações (3 de referência, 2 populares e 3 regionais) e encontraram os seguintes resultados nos domínios da comunicação das ciências: as ciências humanas apareciam em 14% dos textos; as ciências sociais em 20%; a física em 20%; as ciências médicas em 25%; a tecnológica em 12% e os textos que falavam de ambiente correspondiam a 10% dos artigos analisados pelos pesquisadores.

### 1.1. – Narrativa em saúde

No século XIX, a leitura de peças científicas era sinal de status. Os textos eram dirigidos para o público leigo, mas, muitas vezes, escritos por cientistas pagos para tal finalidade. O fato conferia às notícias de divulgação científica um carácter elitizante.

Ao estudar a narrativa das revistas científicas populares no século XIX, Mussel (2007) verificou que, escrito por cientistas ou escritores amadores, os textos jornalísticos daquela época deveriam prender o interesse do leitor. O autor escreve o seguinte:

“[...] like a Sherlock Holmes case, the popular science of [Andrew] Wilson, [H.G.] Wells, [Edward A.] Martin and [E. A.] Butler renders the familiar world strange, bewildering the reader before explaining the strangeness of the ‘case’ (...)” (p. 665).

Embora essas observações tenham sido feitas para revistas especializadas como a “Nature”, muito utilizada atualmente como fonte de informação para os meios de comunicação social, vale a pena dizer que a narrativa jornalística no campo da saúde tem sido alvo de muitas investigações devido à sua peculiaridade. Ao dirigir-se ao público leigo, o jornalista deve ter em conta a tradução de termos técnicos que, sendo na maior parte dos casos relacionados com as ciências médicas, biológicas ou tecnológicas, não são familiares aos leitores. Embora esse trabalho não tenha como objetivo analisar pragmaticamente o conteúdo dos textos noticiosos, algumas referências manifestam-se relevantes quando se pretende ampliar o entendimento em comunicação da saúde.

Um exemplo simples: a jornalista Delma Medeiros, do jornal “Correio Popular”, já domina muitos dos termos médicos em função de ser setorista da área de saúde há sete anos. Por causa da familiaridade com o vocabulário técnico, já se apercebeu que escrevia transmissão vertical do HIV, sem explicar ao leitor que se tratava da transmissão do vírus da AIDS de mãe para filho, durante o parto ou aleitamento. Mas a correção foi feita antes da publicação da notícia.

Em seu trabalho científico, no qual analisa o “Diário Gaúcho”, um jornal brasileiro popular, Ferrareto (2006: 207) afirma que, em função da especialização do assunto, existe a necessidade da utilização de estratégias por parte dos jornalistas a fim de reduzir as distâncias entre o público leitor (leigo) e o especialista. Para esta autora, “no jornalismo, sempre que se trata da divulgação de informações originadas no universo técnico-científico, é natural que ocorra uma

adaptação, uma espécie de versão da linguagem especializada, a fim de que os conteúdos possam ser compreendidos” (2006: 212).

## 1.2. – O impacto das notícias

A cobertura da saúde nos meios de comunicação social tem sido um eixo de estudos das ciências da comunicação (Hodgetts et al. 2007, Johnson 1998, Shuchman et al. 1997), sobretudo o enfoque dado à informação. A produção jornalística nessa área também esbarra em questões de falta de acuidade e, por vezes, de desinformação, atingindo a credibilidade da mesma. Dezenas de artigos encontrados na base de dados Pubmed sugerem que há falta de rigor nas informações publicadas nos *media* sobre pesquisas científicas de saúde, conflitos de interesse, sensacionalismo, falta de sequência na cobertura e informações que ficam esquecidas, sem nunca se transformarem em notícia.

Como exemplo de sensacionalismo, Shuchman et al. (1997) citam a cobertura de conferências médicas que dispõem de dados preliminares e o jornalista os publica como se conclusivos fossem. Outras vezes, segundo Shuchman et al., os *press releases* enviados à redação estão incompletos, não fornecendo toda informação necessária. Como muitas reportagens são feitas com base somente nesses *press releases*, o resultado das histórias publicadas também é sensacionalista ou enviesado.

Outras pesquisas referem que os jornalistas têm um foco de cobertura limitado. Citando Gwyn (2000), Hodgetts et al. (2007) afirmam que investigações no campo da saúde focam, sobretudo, a área biomédica e os avanços da medicina moderna para o combate de doenças específicas. Embora esse tipo de abordagem seja mais frequente no brasileiro “Correio Popular” que no português “Público”, podemos encontrar exemplos de tal tendência na cobertura jornalística nos dois diários em questão. Esses traços são comuns em peças noticiosas que tratam, sobretudo, de doenças cardiovasculares, câncer, Alzheimer.

Apontamos alguns casos para realçar o parágrafo acima: a peça publicada no jornal “Público” com o seguinte título “Prevenção cardiovascular pode estar ao alcance de um comprimido por dia?”, por exemplo. A notícia, publicada em 14 de novembro de 2008, na seção Mundo, fala sobre a descoberta, por cientistas norte-americanos, do efeito da estatina em pessoas com colesterol e entusiasma leitores com a informação de que a cura para os males cardiovasculares

poderia estar na toma de um comprimido diário de tal substância. No dia 31 de julho do mesmo ano, o “Público” tinha estampada numa de suas páginas a manchete: “Novo medicamento parece ser “duas vezes mais eficaz” contra Alzheimer do que actuais”. A notícia, também publicada na seção Mundo, relata o resultado de um ensaio clínico que testou nova substância contra a doença. Ou outros mais evidentes como o texto publicado em julho no “Correio Popular”: “Leucemia: Boldrini em busca da cura”, que descreve um método de identificação de pacientes com risco de recaída, no tratamento da leucemia linfóide aguda.

Hodgetts et al. (2007), num artigo em que entrevistam jornalistas de saúde neozelandeses, mostraram o que os profissionais ligados a esse campo consideravam histórias de saúde.

“When asked about health topics, all journalists began with medical issues, settings and breakthroughs, cases of medical misadventure and barriers to public access to care” (p.49).

Esse tipo de cobertura realizada na Nova Zelândia, mas que se aplica perfeitamente à prática jornalística também dominante no Brasil e em Portugal (só para citar os dois países foco desta nossa investigação) foi denominado pelos autores como “*the hard health news*”. O *hard news* diferencia-se do *soft news* pela abordagem factual e de grande impacto que tem o primeiro, ou seja, pela necessidade de mostrar a notícia imediatamente ao seu acontecimento, deixando ao leitor a tarefa de tirar conclusões do fato ocorrido. O *soft news*, por outro lado, direciona-se para a informação com certo interesse humano e, mais que noticiar, pretende conscientizar a audiência. Portanto, quando pensamos em “*hard health news*”, devemos pensar nas notícias de saúde de impacto, curtas, e que apenas respondem a questões superficiais.

Tais autores defendem a construção de um jornalismo de saúde civicamente orientado, no qual as informações dirigidas ao público não tenham foco apenas na responsabilidade individual dos leitores. De outra forma: numa notícia sobre a gravidez de uma menina no início da adolescência, o foco central é sempre no comportamento das adolescentes e não nas iniciativas (ou falta delas) do governo para mudar este cenário. Hodgetts et al. (2008) afirmam o seguinte:

“Several journalists also emphasized lifestyle approaches to and individual responsibility for health as a core focus of coverage. In effect, this lifestyle approach functions as an extension of the biomedical approach to promote an individualistic orientation to prevention” (p. 50).



O jornalismo civicamente orientado teria, para o efeito, o papel de introduzir mudanças no modo como é feito o jornalismo de saúde, redirecionando a cobertura. Morton & Duck (2001) defendem que, nas duas décadas passadas, portanto 80 e 90, houve uma mudança no enfoque dado à cobertura de saúde. Os acadêmicos afirmam que o domínio da saúde pública usa os meios de comunicação de massa para passar uma mensagem de mudança de atitude individual, deixando de focar o tratamento para enfatizar a promoção da saúde e prevenção de doenças.

Há que observar, como nos alerta Johnson (1998), que, em muitos casos, as histórias são meramente casuais e idiossincráticas. Nós constatamos, por exemplo, que, no “Correio Popular”, as notícias são, normalmente, resultado de uma investigação paralela com base em informação recebida em *press releases*, enviados por órgãos governamentais, assessorias de imprensa e outras entidades especializadas e não-especializadas. Entretanto, também podem ter origem na experiência de vida e situações vividas pelo editor ou pelo repórter. Se um editor vai ao médico e encontra uma fila de espera de mais duas horas, isso vai ser notícia. Se o repórter leu sobre uma nova tendência dietética, também pode transformar a leitura num tema em notícia. “É óbvio que alguns temas têm mais peso que outros”, refere Adriana Villar, editora do Primeiro Caderno do “Correio Popular”, em entrevista para este trabalho.

Villar afirma que tem crescido a atenção mediática sobre doenças como Alzheimer e outros males comportamentais como ansiedade, síndrome do pânico e depressão, além de temas comuns nos *media* como os problemas cardiovasculares, a AIDS, o câncer e a nutrição (obesidade/anorexia).

### **1.3. – A força da agenda mediática**

Observamos, portanto que, para além do aprofundamento na cobertura das notícias de saúde, devemos salientar o efeito que tais peças produzem nos seus receptores. Segundo Kiousis e McCombs (2004), essa projeção das notícias nos leitores é chamada de *agenda-setting*. O termo foi usado primeiramente para designar o efeito que a propaganda eleitoral publicada nos media americanos causava sobre a pretensão de votos, durante as eleições presidenciais de 1968, mas traduz em perfeição como as notícias de saúde afectam o comportamento do público. No mesmo sentido, Kiousis & McDevitt (2008) sublinham que o *agenda-setting* ajudou na consolidação das

predisposições políticas do eleitorado jovem, como resultado de pesquisa feita em três estados norte-americanos – Colorado, Flórida e Arizona – entre 2002 e 2004.

Um dos motivos da tendência para os *hard news* da saúde pode residir na noção de alguns jornalistas de que uma das funções do jornalismo de saúde é promover a saúde através da notícia, ou seja, indicar o que se deve ou não fazer para ter mais saúde ou, ainda, curar ou evitar uma doença.

O jornalista Rogério Verzignasse, entrevistado para esta dissertação, acredita que é obrigação do jornalista servir o leitor, oferecendo-lhe informação sobre prevenção, situações de risco e retratos de doenças. Esses motivos, para Verzignasse, “traduzem a alma do jornalismo”.

O entendimento deste repórter especial do “Correio Popular” encontra respaldo no relatório “Healthy People 2010 – Understanding and improving health”, elaborado pelo Departamento de Saúde dos Estados Unidos, que citando Piotrow et al. (1997), a propósito da comunicação da saúde, se afirma que:

“[it] can be used to influence the public agenda, advocate for policies and programs, promote positive changes in the socioeconomic and physical environments, improve the delivery of public health and health care services, and encourage social norms that benefit health and quality of life” (p. 8).

Para Bueno da Costa (s/d), “a divulgação de informações [de saúde] através dos meios de comunicação de massa tem sido reconhecida como fator auxiliar importante, porque mantém os temas em pauta, atingindo um público potencial de milhares de pessoas. Na imprensa, por exemplo, é frequente que as matérias de saúde, quando bem elaboradas, provoquem reações entusiasmadas de leitores que encontram, no texto genérico, respostas para seus problemas pessoais”.

Durante o estágio no “Correio Popular” não foram poucos os exemplos de pessoas que ligaram para a redação do jornal a fim de saber mais sobre determinada informação. Nomeadamente num caso em a que jornalista levantou a questão da contaminação por micobactéria em clínicas que realizavam procedimentos de reparação estética. Houve pessoas que afirmaram ao telefone o desejo de cancelar a cirurgia, após ler o jornal.

A influência das notícias tem sido bem documentada pelos pesquisadores tanto pelas mensagens negativas como pelas socialmente desejáveis. O estudo de comunicação de risco, que

teve como base a gripe aviária em Taiwan (Ran Wei et al., 2008), mostra que o público pode ser influenciado pelas notícias e que quanto mais conhece sobre um assunto, mais se apercebe dos riscos que corre. No entanto, estar informado sobre o assunto não significa que não possa ser também influenciado pelas mensagens veiculadas nos *media* rotineiramente. Os pesquisadores notaram que, no grupo estudado, os efeitos mediáticos tinham reais consequências.

Num artigo publicado na revista “The New England Journal of Medicine”, Johnson (1998) relata o resultado de uma pesquisa feita com 2256 adultos conduzida pela National Health Council, na qual mais da metade das pessoas disse mudar de comportamento ou de atitude em função daquilo que ouviu dos médicos ou lê nas notícias de saúde. Também Niederdeppe et al. (2007), em sua análise sobre a cobertura mediática dos efeitos de um programa de tabagismo entre adolescentes em fase escolar, verificaram que houve uma contribuição significativa para o declínio do número de fumadores naquela faixa etária que tinha sido exposta às notícias.

Conforme afirma Kiernan (2003), as notícias de saúde podem também exercer influência sobre a produção científica, nomeadamente quando se trata da difusão de pesquisas, formando uma via de mão dupla entre jornalistas e cientistas. O sistema funciona através da distribuição de *press releases* de publicações científicas.

“The Journal of the American Medical Association, Nature, and Science all distribute embargoed press releases to participating journalists; the press releases highlight certain research papers and effectively downplay others” (2003:12).

Kiernan (2003) analisou a cobertura de artigos de quatro publicações académicas de elite – “Nature”, “Science”, “Journal of the American Medical Association” e “New England Journal of Medicine” – em 24 jornais diários e constatou que há uma correlação entre difusão na imprensa e as citações feitas em outras publicações científicas. Os artigos referenciados nos *media* tiveram um maior número de citações em outros periódicos académicos do que aqueles que não apareceram na imprensa.

A relação entre as publicações académicas, os investigadores e os *media* pode permitir, por exemplo, que um artigo científico seja publicado na imprensa antes mesmo de o ser nos jornais científicos, conforme sublinha Kiernan (1997), se não houver entretanto um acordo de embargo. Isso possibilita que a cobertura dos jornais diários sobre as descobertas científicas este-

ja sempre atualizada. Dois exemplos foram retirados do “Público”, nas edições de 28 de Novembro de 2008 e 19 de Dezembro do mesmo, respectivamente, para ilustrar essa questão: “A equipa do Hospital Pediátrico de St. Jude (Tennessee, EUA) relata hoje na revista Science como comprou o genoma das células do câncer (...)” ou (Público, 2008) ou “Seja como for, a inédita proeza de Dimos e colegas – que levou agora a revista Science, na sua edição de hoje (...)”.

Junto com as agências noticiosas, as publicações científicas são as principais fontes dos jornalistas na cobertura de investigação e desenvolvimento. Dos dois diários analisados neste trabalho, é no “Público” que essa tendência se verifica de modo mais contundente. Não é raro encontrarmos no jornal português as mesmas notícias científicas que verificaríamos no mesmo dia ou no dia anterior noutro jornal diário de referência europeu ou americano ou numa publicação científica.

Apenas para fazer um contraponto daquilo que expusemos acima, Slater et al. (2007) argumentam, entretanto, que a exposição mediática é necessária, mas não é a única componente responsável por alterar crenças individuais. No trabalho em que procuram demonstrar a influência da exposição e a tenção mediática nos julgamentos de acidentes provocados pelo uso de álcool e drogas em adolescentes, Slater et al. (2007) notaram que a exposição e atenção não estão dissociadas uma da outra. Os pesquisadores dizem que “even if there is high motivation to attend, increased exposure will increase opportunities to engage such attention” (p. 361).

Tal podemos inferir para as notícias de saúde. Quanto mais expostos estiverem o leitor, o ouvinte ou o telespectador a um tema que o afeta, mais sujeitos estarão a tomar atitudes com base nas informações recebidas. Ocorre na cobertura de saúde o mesmo que acontece nos demais campos do jornalismo: a inclusão de certos temas e a exclusão de outros, colocando em evidência determinadas doenças e políticas públicas em detrimento de outras.

A ideia de Bordieu (1997), para quem o público não assimila todos os conteúdos e ao qual, portanto, é preciso oferecer um cardápio pronto, repete-se também nesse contexto. Mais do que isso. Nöelle-Neumann (1993), teorizadora da “Teoria do Silêncio”, sugere que um indivíduo aceita o conteúdo que lhe é dirigido para não se sentir excluído da sua comunidade, da sociedade em que está inserido. Assim, uma notícia pode ser veiculada não porque é importante, mas porque todos aceitam-na como importante. Para Nöelle-Neumann, quer isso dizer que, quando um tema não é explorado, ele se torna menos relevante. O fato de uma determinada doença não estar

sob os holofotes dos *media* não significa que foi erradicada ou seja menos perigosa que outra, apenas não recebe a atenção e, por esse motivo, passa a não existir.

Para além dos temas que estão sempre na imprensa, formando ciclos temporais, como as efemérides ou os dias mundiais, os *media* também elegem assuntos tendo por base outros órgãos de imprensa. Ao fenómeno de introduzir a notícia da própria concorrência, Bordieu (1997) chamou de círculo circular da informação.

Tomemos como exemplo a peça com o título “OMS alerta para os perigos do cigarro eletrônico”, publicada no “Público”, na edição eletrônica de 19 de Setembro de 2008, e que foi também manchete no portal “Cosmo Online”, pertencente à RAC (Rede Anhangüera de Comunicação), a mesma empresa que edita o jornal “Correio Popular”, no mesmo dia, com a seguinte chamada: “OMS nega cigarro virtual para combater vício”. O “Público” assume o crédito da peça enquanto o “Cosmo” atribui a notícia a uma agência noticiosa.

Invocando as teorias do *agenda-setting*, da espiral do silêncio e do *knowledge gap* (na qual os *media* favoreceriam as pessoas com nível educacional e económico mais elevado), Lopes (2008) afirma que os *media*, nomeadamente a televisão, não só influenciam a audiência, no sentido de orientá-la para o fazer e para o pensar, mas sobretudo desempenham o papel de “(re) produtores de um acervo de conhecimento.” A investigadora reconhece, no entanto, o viés limitador e condicionante dessas teorias na produção das notícias. “Ao seleccionar os factos, ao escolher a perspectiva de tratamento dos assuntos mediatizados, ao incluir certos actores e excluir outros, ao descontextualizar e recontextualizar os acontecimentos, o sistema televisivo reproduz aquilo que caracteriza a sociedade: constrói a realidade e, nesse processo, constitui ‘esquemas de classificação’ que orientam o actor social no seu quotidiano, que é, aliás, outro dos conceitos-chave da obra de Berger e Luckmann<sup>4</sup> (p.50).”

#### 1.4. – O espetáculo da notícia

A cobertura de saúde levanta ainda questões éticas. Há, neste aspecto, pelo menos duas questões que merecem reflexão: a primeira, de ordem económica, leva em conta como os órgãos de comunicação podem obter lucros com a informação em saúde; a segunda, de carácter político-cultural, evidencia um campo potencial, oferecido pelo tema, para sensibilizar de modo dramático

---

<sup>4</sup> No ensaio *A Construção da realidade*, Peter Berger e Thomas Luckman apresentam a realidade do mundo como um produto do homem. O produtor e produto mantêm entre si uma relação dialética. “Society is a human product. Society is an objective reality. Man is a social product”.

o público, sem objetivar a divulgação científica. Neste caso, o mercado impõe novamente vantagem sobre a ciência. De fato, como defende Bordieu (1997:58), a produção jornalística segue uma lógica de mercado e é por ela controlada. “O universo do jornalismo é um campo sob a coação do campo económico, por intermédio dos níveis de audiência”.

Muitas vezes, para obter a atenção do público, os *media* simplificam um documento científico, reduzindo-o a uma frase apelativa. Neste contexto, Jonhson (1998) dá um exemplo ilustrativo do que ocorreu na imprensa americana, na divulgação de um artigo científico sobre a provável cura para a doença de Alzheimer. Ele escreve que:

“In October 1984 the journal *Neurosurgery* published the results of an experimental treatment for Alzheimer’s disease that had been tried in just four patients. The technique consisted of implanting an abdominal pump that continuously infused bethanechol chloride or placebo into the brain through a catheter threaded under the skin. The study was single-blinded (the doctors knew what was being infused), and any findings of functional changes were based entirely on subjective assessment by the patients’ families, which were reported as positive during drug infusions. Then the medical center in which the study had been done decided to hold a press conference in conjunction with a camera-crew visit by *The McNeil–Lehrer Report*. A medical-center press officer alerted local newspapers, local network affiliates, and the wire services, which led to a United Press International advisory that alerted the national media. Both print and electronic media showed up for a press conference that also featured an on-camera testimonial by one of the four patients in the study. In the following days, reports appeared on all three commercial networks and in many national papers and magazines with headlines such as ‘Scientists Find First Breakthrough against Alzheimer’s’ and ‘Researchers Believe Treatment for Alzheimer’s Disease Is Near.’ Thus, a preliminary, single-blinded, subjectively assessed experiment involving four patients unleashed a national media feeding frenzy. During the next two months, the medical center received approximately 2600 calls about the treatment. One man brought his wife to the center, and even though she was ineligible for the study, he wrote a check for \$10,000 on the spot. Of course, the treatment quickly passed into oblivion” (p.88).

A espetacularização da informação em saúde suscita a preocupação de jornalistas e pesquisadores. A moral editorial varia de acordo com a ética de cada empresa jornalística. Na tese em que mostra o comportamento de três jornais franceses – “Le Fígaro”, “La Croix” e

“L’Humanité” – na cobertura da transplantação de órgãos, no período de 1990 a 2000, Kapitz (2006:177), afirma o seguinte: “A espetacularização da informação tem essa ambivalência de favorecer como de desfavorecer o campo científico.”

Em seus estudos sobre a ética jornalística no campo da saúde, a investigadora defende que a cobertura jornalística está fortemente ligada ao pensamento ideológico que cada veículo de comunicação social sustenta. Kapitz (2006: 178) constata que o período de elaboração das leis de bioética, marcado por numerosos debates e profundas mudanças institucionais, constituiu o pico mediático da questão sobre a coleta e transplante de órgãos na França. A investigadora analisou, ao todo, 64 artigos, sendo 32 do “Figaro”, 17 do “L’Humanité” e 15 do “La Croix”. A pesquisadora diz que o resultado da pesquisa revelou o esperado:

“trois discours, trois visions de l’éthique. Pour Le Figaro, l’éthique devient un instrument pour l’État dans la gestion de ses institutions. Elle en garantit l’efficacité. Pour L’Humanité, elle constitue un facteur de justice sociale et s’inscrit dans le débat. L’argent tient une grande place – lutte contre le profit. Pour La Croix, l’éthique doit trouver son inscription dans la loi” (p.185).

O que mais surpreendeu Kapitz nesse estudo foram as fontes utilizadas pelo jornal “L’Humanité”, onde os atores políticos foram superiores aos cientistas, público e igreja. Na relação com os cientistas foi de dois para um. Tal fato demonstra o carácter que o veículo tencionava imprimir no debate a respeito da doação de órgãos.

Ferris (2003) relata como a imprensa popular trata casos de disfunções alimentares como a obesidade e a anorexia, nos quais o indivíduo doente é sempre apresentado como herói ou sobrevivente. Essas duas metáforas aparecem frequentemente acompanhadas de um tom dramático, que extrapola a doença em si. Termos como “lutar contra a obesidade” ou “vencer a batalha da anorexia” revelam a estratégia sensacionalista da cobertura jornalística.

Segundo a autora, existe uma forte componente cultural na forma como a imprensa popular trata o corpo feminino e segue convenções que estabelecem um padrão. Estar acima ou abaixo do peso não é aceitável socialmente e, por esse motivo, é condenável (Ferris, 2003: 271). Os textos que aparecem na imprensa finalizam por extrapolar aquilo que as mulheres têm em mente como ideal de corpo feminino.

### **1.5. – As fontes no jornalismo de saúde**

O código deontológico dos jornalistas assegura que todo jornalista tem direito de acesso às fontes para assegurar a divulgação de informação. Fidalgo (2000: 320) nota que “muitas das questões de ordem ética (...) têm sido, ao longo dos últimos anos, discutidas, aprofundadas, clarificadas e coligidas em «códigos» ou «declarações de princípios», assumidos coletivamente pelo grupo profissional dos jornalistas e divulgados ao público como uma espécie de compromisso formal com a sociedade que é razão do seu trabalho”.

Fidalgo defende que, decorrente da pressão que sofre tanto do mercado externo como da empresa para a qual trabalha, os códigos deontológicos são uma espécie de refúgio do jornalista, onde ele busca proteção. No entanto, no campo da saúde, são raras as vezes em que o jornalista tem de recorrer a uma fonte anônima, pelo menos até onde pudemos observar na análise dos periódicos português e brasileiro. As fontes de informação em saúde são, na esmagadora maioria das vezes, identificadas. O anonimato só se aplica em casos de denúncia de má gestão, justiça ou quando se trata de um doente cuja enfermidade seja considerada, pelo próprio, como vexatória.

Como veremos na Parte III, vários autores defendem que o relacionamento entre os jornalistas e suas fontes decorrem de maneira simbiótica. Manter um relacionamento saudável com as fontes de informação é uma premissa que deve ser levada em consideração pelos jornalistas no exercício. Devemos entender como saudáveis as relações baseadas na confiança, na verdade, na confidencialidade e na impessoalidade entre esses dois atores do campo social.

## **2. – Os jornais em perfil**

### **2.1. – Do “Correio Popular”**

Fundado em 1927 por Álvaro Ribeiro e seu irmão Antônio, o jornal “Correio Popular” pertence, atualmente, a um grupo de empresários de Campinas e é o líder de uma série de publicações do grupo RAC (Rede Anhangüera de Comunicação). Além do “Correio Popular”, a RAC é responsável pela publicação de outros cinco veículos impressos: “Diário do Povo”, “Gazeta do Cambuí”, “Gazeta de Piracicaba”, “Gazeta de Ribeirão”, da revista “Metrópole”. Também é proprietária da Agência Anhangüera de Notícias (AAN), do portal “Cosmo Online” e da gráfica e



*bureau* GrafCorp. Com uma linha editorial independente, o “Correio Popular” é referência na RMC (Região Metropolitana de Campinas). A circulação média é de 36 mil exemplares por dia. Aos domingos chega a atingir 48 mil.

Mas a importância do jornal no Estado de São Paulo e no Brasil deve-se, em muito, à região geográfica onde é publicado e distribuído. Com mais de um milhão de habitantes, Campinas é sede de uma metrópole que reúne outros 18 municípios, num total aproximado de 3 milhões de habitantes. Dentre os maiores jornais do país, o “Correio Popular” é destaque do interior. A RMC tem uma das maiores rendas per capita do Brasil, com um valor absoluto igual a R\$ 9.800 (3.350 euros, aproximadamente). O seu PIB (Produto Interno Bruto) equivalente à soma de 18 estados do norte e nordeste brasileiro. É para essa população, de classes A e B, considerada formadora de opinião, que o jornal é direcionado. Trata-se de um veículo considerado Premium, pois circula na faixa de escolaridade mais alta e de maior poder aquisitivo. O jornal é vendido em quiosque e também por assinaturas. Uma versão online também está disponível para assinantes.

Embora em menor dimensão, no âmbito nacional o “Correio Popular” concorre com jornais como o “Estado de São Paulo”, “Folha de São Paulo”, para citar apenas veículos de São Paulo. No plano regional, seu concorrente direto é o “Todo Dia”, da cidade de Americana. Em Campinas, o “Correio Popular” é único, pois seu principal concorrente (um suplemento regional da Folha de São Paulo) parou de circular em 2004.

O “Correio Popular” produz um jornal com temas urbanos e tem na participação popular umas de suas centrais preocupações. O jornal é dividido em cadernos cujo número varia de acordo com o dia da semana. O Primeiro Caderno, o Caderno B e o C, além dos Classificados, são fixos. De segunda a quarta-feira, o jornal tem em média 34 páginas. Na quinta, o veículo dobra seu volume, chegando a 68. Na sexta-feira, volta às 34 páginas para ampliá-las para 68 e 96, no sábado e domingo, respectivamente.

Há, ainda, os cadernos especializados editados alternadamente durante a semana como o Correio Digital (segunda-feira), o Motor (quinta-feira), Criança (sábado) e Turismo (domingo). O número maior de páginas na quinta-feira pode ser explicado pelo tamanho do caderno de classificados, outra seção do jornal que, nesse dia da semana, costuma casar as ofertas publicitárias com peças jornalísticas.

Além das notícias diárias, cada caderno traz seções fixas. No Primeiro Caderno, as duas primeiras páginas internas são dedicadas à opinião do jornal e a de especialistas da sociedade

civil organizada sobre temas da atualidade. É também nesse espaço que o leitor pode opinar sobre os acontecimentos que viraram notícia no “Correio Popular”. Não é estanque, mas é quase uma regra, que os assuntos e temas ligados à administração pública e à política ocupem as duas páginas seguintes.

Neste contexto, o jornal publica uma coluna sobre os bastidores da política regional, estadual e nacional denominada Xequemate. No meio do Primeiro Caderno mesclam-se outros temas urbanos, como polícia, transportes, educação, segurança, além daquele que vamos estudar: as notícias do campo da saúde. A penúltima página traz mais opinião e informações sobre as condições climáticas, a foto do dia com o sugestivo nome de Cena Urbana e, ainda, notas de falecimento. Não há páginas fixas para a distribuição dos conteúdos acima citados, com exceção dos textos opinativos.

Cada uma dessas áreas é coberta por um repórter setorista que, apesar da setorização, também cobre assuntos fora da sua área de especialidade. A saúde tem um repórter setorista, o que não impede que muitas das peças noticiosas nesse campo sejam elaboradas e escritas por outro jornalista generalista.

As notícias de Brasil, Economia e Mundo, além de Esportes, podem vir reunidas em um único caderno ou em cadernos separados, dependendo do valor que o jornal atribui a cada notícia ou do destaque esse acontecimento teve no Brasil e no mundo. Na segunda-feira, esses cadernos são, normalmente aglutinados num único, denominado Caderno B. As duas primeiras seções também dão espaço às notícias de saúde, embora com menor frequência. Nessas editorias não há jornalista setorista ou generalista. As peças noticiosas são edições feitas com materiais das agências noticiosas, as quais o “Correio Popular” tem acesso por assinatura. São elas a Agência Estado, a Folhapress e a Agência France Presse. Assim como o Primeiro Caderno, o Caderno B tem seções que se alternam de acordo com dia da semana. As notícias breves são agrupadas num espaço denominado “Em resumo”, local onde podemos encontrar com maior frequência as peças de saúde. As outras duas seções do Caderno B, Esportes e Economia, têm repórteres setorizados, além das pautas nacionais e estaduais.

O Caderno C é dedicado às peças de cultura e de variedades. Entre os assuntos culturais da cidade de Campinas, são comuns peças sobre cinema, teatro, artes plásticas, dança e personalidades do meio artístico. A televisão e o cinema têm destaque nesse caderno que divulga também a programação no caso da primeira e o cartaz, na segunda. As bandas desenhadas e o entretenimento

mento também são temas abrangidos pelo Caderno C. Para finalizar a segunda-feira, o “Correio Popular” ainda edita o Caderno E, denominado Correio Digital, dedicado às tecnologias. Os classificados são editados também num caderno à parte e ganham suplementos no final de semana.

Por vezes, a importância dos fatos econômicos na região, no país e no mundo transforma a seção de Economia num caderno independente das outras duas secções. Esse segundo caderno tem uma média de oito páginas, sendo quatro dedicadas à seção Brasil, três à Economia e uma a Mundo.

Uma de suas peculiaridades é que os jornalistas do “Correio Popular” não são contratados pelo jornal, mas pela agência noticiosa que pertence ao grupo RAC, a Agência Anhangüera. Assim, o “Correio Popular” foca seu jornalismo no conteúdo regional, mantendo uma agenda permanente de cobertura voltada, sobretudo, ao debate dos principais temas urbanos, como política, administração pública, meio ambiente, saúde, educação, patrimônio cultural, expansão econômica e desenvolvimento sustentável.

Uma das metas do periódico é melhorar a qualidade de vida do cidadão de forma objetiva, a partir de coberturas sistemáticas e planejadas. O “Correio Popular” é um veículo que investe no jornalismo investigativo, e, como resultado disso, recebeu dois prêmios Esso de Jornalismo (prêmio de referência para jornalismo de qualidade no Brasil) nos últimos sete anos, a partir de séries de reportagens deste gênero. Na área social, o jornal mantém programas e parcerias como o *Correio Escola* (uso do jornal como ferramenta pedagógica), *Cidadão RAC/CPFL* (valoriza as ações voluntárias) e *Projeto Ambiental* (parceria com a Sanasa – Sociedade de Saneamento Básico de Campinas – destacando exemplos de preservação).

## **2.2. – Do “Público”**

O “Público” nasceu em Portugal no dia 5 de março de 1990 para ser um jornal único, com novas propostas editoriais. Desde o seu surgimento concorre, no plano nacional, diretamente com o “Diário de Notícias” e, indiretamente com o “Expresso”. Difere deste último por ser o “Expresso” um veículo semanário.

Direcionado a uma audiência com alto nível de escolaridade, o “Público” pretende-se um jornal politizado, portanto, voltado para o debate político, e crítico. O jornal pauta-se por um livro

de estilo, onde estão descritas as regras que o “Público” entende serem primordiais para a realização de um bom jornalismo.

O “Público” distingue-se por uma linha editorial independente, sem ligações ideológicas, políticas ou económicas. O jornal define-se, nesse seu *Livro de estilo*, como um veículo contemporâneo, criativo, atrativo e em permanente comunicação com os leitores. Aposta “numa informação diversificada, abrangendo os mais variados campos de actividade e correspondendo às motivações e interesses de um público plural”, tal como referido no Estatuto Editorial do jornal.

Com uma circulação na casa dos 40 mil exemplares por dia, o jornal do grupo Sonaecom também se utiliza da assinatura de agências internacionais e nacionais de notícias como a France Presse e a Lusa, para complementar o trabalho da equipe de mais de 100 jornalistas, entre repórteres locais e correspondentes, editores e diretores.

A relação entre o jornal e seus leitores é fortalecida na figura do Provedor do leitor/Ombudsman, cuja função principal é a de elencar e fazer uma reflexão crítica das notícias publicadas durante toda a semana. O intuito desse trabalho é tornar mais transparente o seu trabalho jornalístico. As credenciais daquele que é definido como provedor, tais como o prestígio, a credibilidade e a integridade pessoal e profissional são elementos fundamentais para estabelecer a relação de confiança entre o jornal e o leitor.

Os textos publicados no “Público” inserem-se não apenas numa lógica nacional, mas procuram fornecer uma visão global dos acontecimentos, também no que diz respeito à localização geográfica, ao redimensionar Portugal no espaço europeu, colocando o país no centro das discussões comuns à União Europeia.

O “Público” é formado por um caderno principal, dividido em nove secções, além da primeira página, com uma média de 36 páginas por edição, e um segundo caderno, com informações culturais. O jornal ainda possui suplementos, veiculados uma vez por semana, normalmente às sextas-feiras, e uma revista que circula aos domingos. No formato tabloide, a exemplo da maioria dos jornais portugueses no plano nacional e regional, o “Público” valoriza as imagens no seu projeto gráfico, conferindo-lhes um papel fulcral na transmissão da informação, ao ponto de distinguir o modo de publicação das fotografias no primeiro e segundo cadernos, nos suplementos e na revista.

As secções do Primeiro Caderno são assim divididas: Destaque, Portugal, Mundo, Local, Classificados, Desporto, Economia, Opinião e Última Página. As três primeiras secções, objetos de nosso estudo, mais a de Desporto são as que concentram maior número de páginas do jornal.

Durante a semana, a secção Destaque, que possui média de cinco páginas, é consagrada aos fatos noticiosos de relevância no mundo ou em Portugal, sobre qualquer assunto. Nesta secção podemos encontrar notícias tanto sobre economia como sobre saúde. Com cerca de seis páginas diárias, a secção Portugal é dedicada aos acontecimentos de relevância em todo o país como justiça, educação, transporte, ciência e saúde, inclusivamente. Na secção Mundo, também com média de seis páginas, estão os eventos relacionados a temas semelhantes aos publicados na secção Portugal, com enfoque internacional. Destacam-se nesta editoria os assuntos ligados à política internacional.

A secção Local possui duas edições: uma que circula em Lisboa e na região centro-sul de Portugal e a outra que é distribuída no Porto e por todo o norte do país. Nela são publicadas as notícias de interesse específico para cada região de Portugal, segundo uma lógica editorial e de mercado. Não encontramos, por exemplo, edições próprias para Coimbra, embora o jornal mantenha lá um repórter correspondente, nem outra específica para o Ribatejo ou qualquer outra divisão geopolítica, por exemplo.

A secção de Classificados e a de Economia são as que têm menor número de páginas, apenas duas, cada uma delas. Tal tem como provável explicação o suplemento de economia que o jornal faz circular.

A secção de Desporto também é uma das mais importantes do jornal, com destaque para o futebol e espaço reservado aos demais desportos no âmbito nacional e internacional. Nas últimas páginas do Primeiro Caderno, concentram-se as opiniões do jornal, como o editorial, dos leitores, normalmente por meio de cartas, e de representantes de vários meios da sociedade civil.

A Última Página é, normalmente, preenchida por uma crônica, pelo resumo dos fatos mais importantes em pequenos títulos no alto da página e um *ranking* dos acontecimentos mais relevantes do dia, através de uma classificação de “personagens” desses fatos noticiosos. Para além do jornal, o “Público” mantém um *website* noticioso, chamado Público.PT, no qual podemos ver notícias atualizadas e repercussões daquelas que foram já publicadas no jornal impresso, como também a versão online da edição diária em papel.

O “Público” já teve seus trabalhos jornalísticos diversas vezes reconhecidos através de inúmeros prêmios recebidos, entre eles, 17 prêmios Gazeta, com duas menções honrosas, recebidos principalmente na década de 90, dois prêmios Bordalo de Jornalismo, também na mesma época, além das destacadas reportagens de Sofia Branco na área dos direitos humanos, nas quais revela questões de minorias étnicas. Em 2008 foi distinguido pelo Observatório do Ciberjornalismo, da Universidade do Porto, nas categorias “Excelência Geral em Ciberjornalismo” e “Breaking News”.

O vínculo que o “Público” estabelece com a sociedade vai além das funções de noticiar e opinar sobre os acontecimentos cotidianos. Assim como o “Correio Popular”, o “Público” também mantém um projeto que liga o jornal aos estabelecimentos de ensino. Trata-se de um projeto direcionado aos alunos do ensino básico ao secundário com o objetivo de educar para os *media*, sem entretanto, impor as linhas editoriais do jornal.

O Público na Escola iniciou-se quando da fundação do jornal, a exemplo de outros jornais de referência mundial. Ao realizar esse trabalho, o jornal pretende contribuir para uma melhor compreensão da linguagem dos *media*, ampliar a visão crítica dos estudantes sobre o mundo e formar um público leitor de jornais, nomeadamente, do “Público”.



## **Parte II – Os temas como identidade**

### **3. – Os caminhos da pesquisa**

Com o objetivo de estudar a mediatização da saúde e de perceber as diferenças na construção do jornalismo nesse campo no Brasil e em Portugal, no que diz respeito às fontes de informação e aos temas abordados, buscamos fundamentar a presente dissertação em três frentes distintas: desenhar o estado da arte da comunicação em saúde, perceber o comportamento dos repórteres de saúde, através de uma observação participativa na redação do jornal brasileiro, e analisar os artigos de saúde publicados na imprensa, a partir de um jornal português e outro brasileiro.

O estado da arte foi construído por meio da leitura sistemática de textos sobre o tema jornalismo de saúde. Para isso, fizemos uma pesquisa bibliográfica exaustiva em duas principais bases de dados, Pubmed e Sage, cuja leitura também forneceu pistas para outras referências bibliográficas relevantes para este trabalho.

Concomitantemente, na redação do jornal brasileiro, procuramos perceber os caminhos da notícia de saúde, desde a transformação do acontecimento em fato noticiável até a percepção dos jornalistas sobre o tema, com o acompanhamento diário da jornalista setorialista de saúde, dos repórteres que, por vezes, eram encarregados de cobrir o assunto e entrevistas feitas a quatro



outros repórteres generalistas e aos editores das editorias de Cidades, Mundo e Brasil, que também tiveram o trabalho de um dia acompanhado. O material está registrado na forma de um diário da redação.

A segunda parte do trabalho consistiu em reunir as peças jornalísticas de saúde publicadas no jornal português “Público” e no brasileiro “Correio Popular” durante o período de 1 de julho de 2008 a 31 de dezembro do mesmo ano. Para tal, consideramos o fato de serem ambos jornais diários, com circulação e públicos semelhantes. Como resultado, obtivemos uma amostra de 1049 peças, sendo 537 veiculadas nas seções generalistas Destaque, Portugal e Mundo, no jornal “Público” e 512 nas suas equivalentes do “Correio Popular”, denominadas Cidades, Brasil e Mundo. Cada uma das peças em questão foi analisada segundo critérios preestabelecidos no âmbito de um projeto de pesquisa realizado por uma equipe da Universidade do Minho. Esse estudo, que está em curso, analisa as peças de saúde sob as seguintes variáveis: motivos de noticiabilidade, tempo e tamanho da notícia, origem da informação e a presença de fontes. Quanto às fontes de informação, o estudo comporta ainda outras variáveis: origens, gênero, identificação e estatuto.

Os motivos foram elencados em: investigação/ desenvolvimento; situações de risco; prevenção; retrato de doenças; dias nacionais/ mundiais; efemérides; protestos/dificuldades de acesso a tratamentos/negligência; condições/reivindicações laborais; inauguração de serviços/instalações; política de saúde, negócios à volta do campo; práticas clínicas, histórias individuais e outros, que esclarecemos a seguir:

- Investigação e desenvolvimento – entendemos todas as peças que relatam percursos científicos na área da saúde, sejam eles estudos ou balanços;
- Situações de risco – peças que reportam casos que põem em risco a saúde pública, da qual a contaminação do leite em pó infantil na China, em julho de 2008, é um dos exemplos;
- Prevenção – notícias com valor didático como, por exemplo, como se proteger da dengue;
- Retratos de doenças – que traziam a mera descrição de uma doença e seus efeitos;
- Efemérides – relacionamos todos os acontecimentos relevantes, mas que não ultrapassam a duração de um dia, dos quais são exemplos os prémios Nobel de medicina ou a comemoração de um ano da lei do tabaco;

- Protestos/ dificuldades de acesso a tratamentos e negligência – ações ou inércia na área da saúde que afetam diretamente o utente;
- Condições ou reivindicações laborais – ações ou inércia no campo que afetam diretamente os profissionais de saúde;
- Inauguração/instalação de serviços – notícias que cobrem a abertura de uma nova unidade de saúde ou a instalação de um novo equipamento de tratamento hospitalar, por exemplo;
- Política de saúde – notícias relacionadas à governação, legislação e iniciativas políticas na área da saúde, das quais vacinação gratuita em adolescentes contra o câncer de colo do útero através do Sistema Nacional de Saúde é um exemplo;
- Negócios à volta do campo – entendidas como as notícias que revelam transações económicas no setor;
- Práticas clínicas – são as peças que relatam o aparecimento de um novo procedimento ou de uma prática curiosa, como foi a transplantação simultânea de duas mãos num paciente alemão;
- Histórias individuais – que contam a situação de saúde de uma única pessoa para exemplificar ou legitimar o caso de muitas;
- Outros – notícias cuja ocorrência não cabia nas demais classificações.

Estes motivos de noticiabilidade serão agrupados em macrotemas, que descrevemos abaixo, para facilitar a leitura dos dados e promover um entendimento global do que ocorre nos dois veículos no jornalismo de saúde.

- Campo político – inclui as notícias sobre iniciativas políticas, políticas de saúde e inauguração de serviços ou instalações;
- Campo de investigação – peças acerca das investigações científicas na área da saúde;
- Campo das patologias e tratamento – notícias que versam sobre as situações de risco para a saúde pública, retratos de doenças, prevenção e práticas clínicas;
- Campo social – para as peças que narram as condições e reivindicações laborais, protestos, dificuldade de acesso a tratamento e negligência;
- Campo económico – para as histórias que reportam os negócios à volta do campo da saúde;
- Temas secundários – as narrativas sobre efemérides, dias mundiais, histórias individuais;

- Outros.

Quanto ao tamanho, as notícias foram classificadas em breve, para as que ocupavam menos de meia página; média, para meia página; e longa, para as que ocupavam pelo menos dois terços de página. Antecipação de eventos, cobertura de fatos ocorridos no dia anterior, ponto de situação, factos ocorridos há mais de um dia e outros, foram as variáveis utilizadas para classificar as peças quanto ao tempo. Nacional e internacional são categorias que identificam a origem da informação.

Com o auxílio do SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), verificamos a frequência das variáveis e analisamos a relação entre elas, no sentido de entendermos de que maneira essas variáveis se comportam em cada um dos jornais aqui estudados.

#### **4. – Das Fontes**

Utilizamos cinco variáveis na classificação das fontes: o lugar de origem, a identificação, o gênero, o estatuto e número por peça noticiosa. A recolha das peças resultou numa amostra total de 1479 fontes de informação, sendo 789 do “Público” e 690 do “Correio Popular”.

Quanto ao lugar de origem, as fontes de informação são classificadas em nacional, para as situadas no Brasil e em Portugal (consoante o jornal analisado), e internacional, para aquelas que se situam fora do país de origem do veículo de informação; masculino, feminino, coletivo (usado para um grupo de pessoas ou para uma instituição) e não-aplicável (quando se tratava de fontes documentais) identificam o gênero das fontes. As fontes de informação também são classificadas em anônimas, identificadas e não-identificadas.

As fontes são ainda distinguidas quanto ao estatuto, podendo ser oficial, especializada institucional, especializada não-institucional, e não-especializada. Para tal, consideramos fontes de informação oficial todas as que ocupam um cargo eletivo, o aparelho do Estado, documentos legais e os assessores oficiais. São consideradas fontes especializadas institucionais as que se inserem num contexto hierárquico-organizacional presentes numa instituição pública ou privada no domínio da saúde, sejam eles médicos, enfermeiros, investigadores, farmacêuticos, nutricionistas, psicólogos, pacientes/familiares, assessores e outros.

As mesmas nomenclaturas também são classificadas do ponto de vista não-institucional, no qual as fontes falam por si e não representam uma organização ou instituição. Das fontes não-

especializadas em saúde salientamos profissionais como economistas/gestores, juristas, políticos, profissionais de moda, jet-set/celebridades, cidadão comum, assessores fora do campo, *websites*, meios de comunicação e outros.

A observação, durante três meses, do processo de produção noticiosa, desde o contato com a fonte, checagem da informação e redação da notícia até a sua edição e paginação, sob as diversas formas de pressão existentes no jornalismo, nos permitiu ampliar a visão sociológica do trabalho jornalístico.

## **5. – O “Público” e o “Correio Popular” em análise**

Que tipo de agenda constroem os jornais no campo da saúde? Qual o espaço reservado pela imprensa para essas notícias? Que motivos são determinantes na produção da notícia de saúde? Com o objetivo de responder a essas questões, neste capítulo, procedemos uma análise quantitativa e qualitativa do “Público” e do “Correio Popular”, a fim de encontrarmos um denominador comum.

### **5.1. – Raio X do “Público”**

A análise de conteúdo do “Público” permite-nos verificar uma tendência deste jornal a olhar as notícias de saúde sob uma perspectiva política. Cerca de um terço das peças, como podemos observar (tabela 1), são relatos de fatos ocorridos na esfera governamental. No contexto político salientam-se, em 90% dos casos, os acontecimentos decorrentes de iniciativas políticas ou relacionados às políticas de saúde. Os outros 10% referem-se às notícias sobre inauguração de serviços ou de instalações. São temas que tratam, sobretudo, de questões nacionais e, por esse motivo, apenas 14 das 162 peças que abordam a saúde sob o prisma político, aparecem publicadas fora da seção Portugal.

No período analisado, predominam as peças que mostram um foco positivo das ações do governo. Assim, podemos ler manchetes como “Ministério avalia resposta dos hospitais e centros de saúde à epidemia de gripe” e “Mais doentes, mas nada de excepcional”, ambas publicadas em dezembro de 2008, período mais crítico da contaminação pelo vírus *Influenza*.

**Tabela 1 – Motivos de noticiabilidade no “Público”**

<b>Macrotemas</b>	<b>Temas</b>	<b>Nº de peças</b>
<b>Campo político</b>	Iniciativas políticas, políticas de saúde e inauguração de instalações e serviços	162
<b>Campo das patologias e tratamento</b>	Situações de risco, prevenção, retrato de doenças e práticas clínicas	90
<b>Campo de investigação</b>	Investigação e desenvolvimento	88
<b>Campo social</b>	Condições e reivindicações laborais, protestos, dificuldade de acesso a tratamento e negligências	72

Dois outros macrotemas merecem destaque no enquadramento noticioso do “Público” no campo da saúde: aquele que relata os fatos científicos e aquele que remete para as patologias e tratamento. No primeiro, verificamos que o conteúdo internacional sobrepõe-se ao nacional e, assim, as notícias que revelam as descobertas científicas em torno da saúde são mais frequentemente encontradas na seção Mundo. No segundo, evidenciam-se as notícias que retratam as situações de risco à saúde pública, prevenção e retratos de doenças, além das práticas clínicas.

É neste contexto que podemos evocar a tese defendida por Hodgetts et al. (2007), na qual há uma tendência dos *media* para as *hard news* da saúde, uma vez que tais temas voltados majoritariamente para a área biomédica também chamam atenção pelo tom de urgência, pela superficialidade e pelo seu caráter impactante.

Como exemplo subtraímos da amostra analisada dois títulos: “Vacina da gripe enche farmácia” e “Descoberto o gene que influencia a ejaculação prematura”, ambos publicados em outubro de 2008. A primeira peça narra três assuntos sem se deter em nenhum deles. Começa pelos idosos que correram às farmácias para comprar a vacina contra gripe e conclui com um parágrafo sobre o primeiro dia da entrada em vigor da medida que reduzia o preço dos genéricos. A segunda notícia resume um estudo que identificou versões do gene neurotransmissor responsável pela ejaculação precoce, sem identificar nem o gene nem o método da pesquisa.

Se, por um lado, o seguimento de uma agenda “sugerida” pelas ações governamentais, no plano nacional, deu uma ênfase positiva à cobertura de saúde e ajudou a denunciar casos de ingerência no sistema – vejamos o caso da vacinação contra o câncer do colo do útero no início

da adolescência ou o despedimento de diretores do do serviço Saúde 24, por exemplo – por outro lado, podemos verificar um silêncio do jornal sobre as questões socio-econômicas ligadas ao campo da saúde.

As notícias relacionadas aos negócios à volta do campo da saúde representam apenas 5,5% do total das peças analisadas. O mesmo ocorre com o noticiário envolvendo temas como as condições laborais dos profissionais do setor ou os protestos daqueles que foram afetados pelas políticas do governo, que ocuparam, cada um, em torno de 6,5% e 7% do espaço consagrado às notícias de saúde.

Se no primeiro semestre, 2008 foi marcado pelos protestos em razão das reformas no setor de urgência e que culminaram na saída do então ministro António Correia de Campos, na segunda metade do ano, esses temas foram praticamente banidos do jornal já com a ministra Ana Jorge a ocupar a pasta da Saúde.

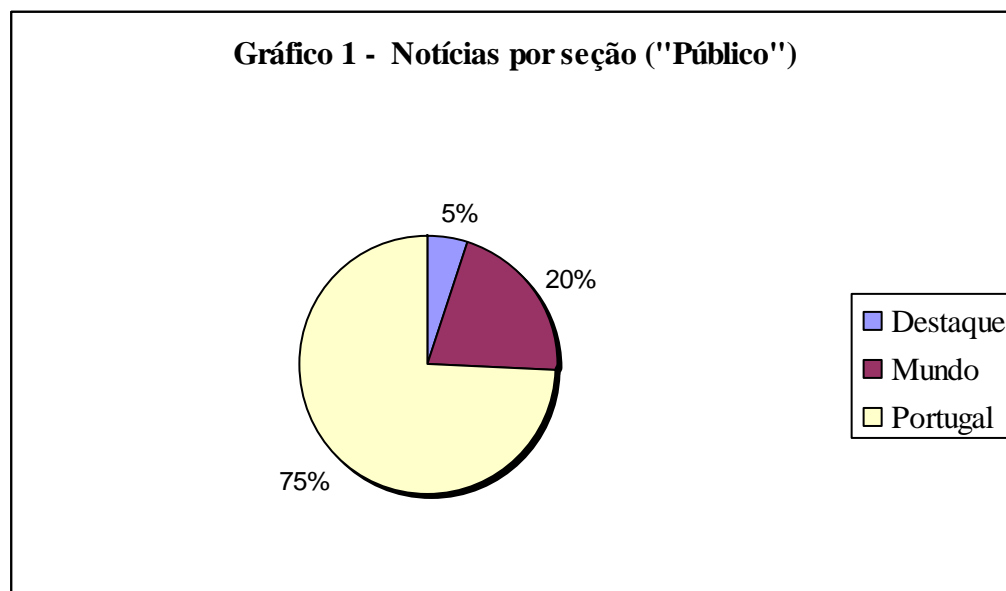
**Tabela 2 – Temas secundários no “Público”**

<b>Temas secundários</b>	<b>Nº de peças</b>
<b>Efemérides</b>	39
<b>Dias Mundiais</b>	30
<b>Histórias individuais</b>	31
<b>Econômico</b>	30
<b>Outros</b>	25

Verificamos que, em termos de representatividade, o campo económico está no mesmo patamar que temas que se revelaram secundários no “Público” (tabela 2) como é caso das efemérides, dias mundiais e, ainda, das histórias individuais, temas que ocuparam à volta de 5% das notícias de saúde.

#### **5.1.1. – A saúde em segundo plano**

A distribuição das notícias por seções revela que a saúde ocupa um plano sem assinalável destaque no noticiário. Verificamos que peças de saúde são veiculadas em sua maioria na seção Portugal, uma pequena parte na seção Mundo e um diminuta parte na seção Destaque (gráfico 1).

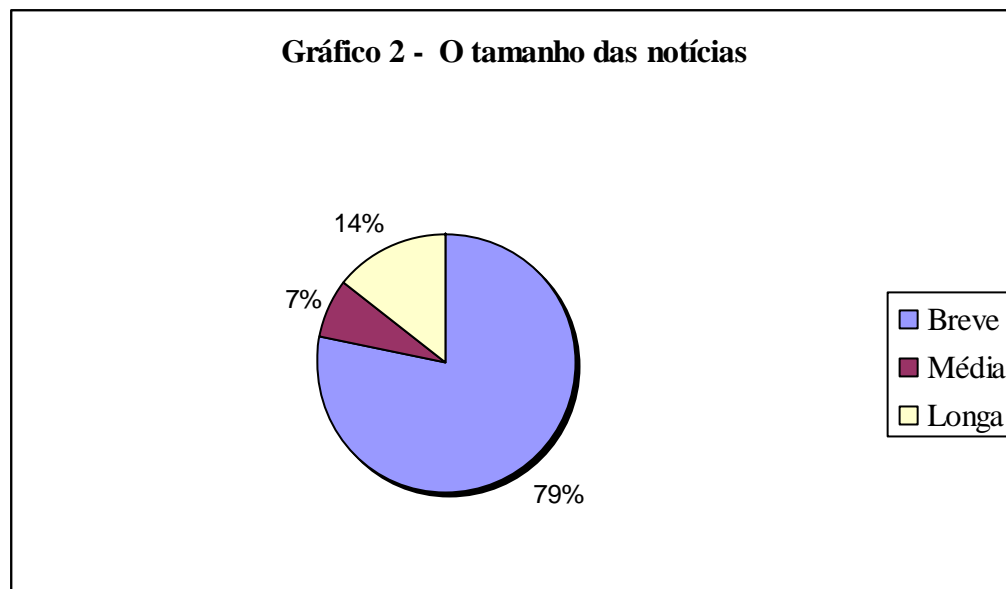


Na editoria destinada às peças internacionais, denominada Mundo, os assuntos de maior relevância são aqueles ligados à área das descobertas científicas e das patologias, normalmente identificando situação de risco. No período investigado, a morte de bebês chineses ligada à contaminação de várias marcas de leite em pó com melamina e o reflexo dessa contaminação em Portugal é o melhor exemplo nos assuntos relacionados com situações de risco, publicadas na seção internacional. O assunto dominou a agenda de jornais de influência em todo o mundo, fato que mostra a imposição de uma agenda única, confirmando a ascendência das agências noticiosas e publicações científicas sobre os meios de comunicação. Na seção Destaque, alternam histórias cujo tema principal são as políticas de saúde com aquelas que relatam situações de risco e as de cunho científico.

Quando analisamos o tamanho das notícias constatamos que elas são, em grande parte, breves, ou seja, ocupam menos de meia página, em 78,2% dos casos. Tal constatação confirma a tese de estudiosos da comunicação sobre o espaço reduzido destinado às histórias de saúde na imprensa generalista e reforça a questão identificada na análise das seções sobre o espaço dedicado às saúde no jornal. Verificamos, ainda, que as peças com mais de dois terços de páginas correspondem a 14,3% do total analisado, equanto as médias não ultrapassam os 10%.

Chama atenção, no entanto, o fato de as notícias médias, aquelas que ocupam metade da página, não representarem nem 10% do tamanho das notícias de saúde veiculadas no "Público". Tal resultado, indicado no gráfico 2, remete também para o fato de o espaço das notícias de

ciências estar condicionado ao mercado (Clark e Illman, 2007) e são ainda menores quando publicadas fora dos suplementos específicos.



### 5.1.2. – Contra o relógio

Como se trata de um jornal diário, a maioria das peças (41,2%) é resultado da cobertura de um acontecimento ocorrido no dia anterior. Seguem-se as notícias de fatos ocorridos há mais de um dia, com 14,2% e os pontos de situação, que representam 10,4% das peças analisadas.

No entanto, notamos um dado curioso, no qual é importante determo-nos: não é possível identificar a data num percentual considerável de notícias (25%). Uma das leituras possíveis a partir deste dado refere-se ao volume de informações que chega diariamente às redações, permitindo que o jornalista pondere sobre a publicação na edição do dia seguinte ou numa edição posterior, fato que permitiria uma exploração mais ampla da informação e que poderia dar origem a uma reportagem. Aqui, cabe-nos questionar se haveria um ganho de conteúdo em detrimento do tempo da notícia.

Verificamos, com base na observação, que a decisão do que fazer com a informação recebida vai depender da urgência do tema em questão. Tomemos como exemplo a notícia sobre a contaminação do leite em pó chinês: o risco eminente para a saúde pública tornava imperativo publicar as informações relacionadas com este assunto. Ao cruzarmos os resultados obtidos com



a análise do tempo das notícias e dos temas, verificamos que 50% das notícias que relatavam situação de risco resultavam de cobertura ocorrida no dia anterior.

O mesmo ocorre relativamente às peças sobre inauguração de instalações e serviços. Neste caso, guardar a informação poderia inviabilizar a sua publicação, pois um serviço inaugurado há mais de um mês, por exemplo, perde o seu imediatismo como valor notícia. Logo, as informações que tratam desse tema são normalmente antecipadas. Em termos percentuais, observamos a antecipação de eventos em 66,7% das notícias sobre novos serviços ou instalações.

Outra leitura pertinente é a de que, com as novas tecnologias, identificar o tempo dos acontecimentos nas peças jornalísticas terá perdido o sentido. Muitos dos textos que lemos na edição impressa já foi publicado na edição online, no mesmo dia ou no dia anterior. Essa crescente influência dos novos *media* no campo jornalístico tem sido largamente estudada. No trabalho em que questionou profissionais “sobre as mudanças em curso” no jornalismo sob influência dos novos *media*, nomeadamente naquilo que os diferencia, Pinto (2004:9) verificou que “o imediatismo é especialmente destacado, recobrando este conceito quer a noção de instantaneidade, de ausência de distanciamento por parte do informador relativamente à matéria difundida, quer, numa perspectiva de cunho mais positivo, embora bastante menos referida, a agilidade e o dinamismo exigidos neste quadro”. A ausência de limites espaço-tempo também foi considerada pelos jornalistas. Tais considerações levantam uma importante questão sobre a temporalidade das notícias jornalísticas no meio impresso.

### **5.1.3. – A predominância dos fatos nacionais**

No que diz respeito à origem geográfica da informação, deparamo-nos com o óbvio: a esmagadora maioria das notícias de saúde veiculadas no “Público” derivam de informações nacionais. Verificamos a seguinte relação em termos percentuais: 74,9% nacionais e 25,1% internacionais.

Destacamos o fato das notícias de origem internacional aparecerem na seção Mundo em 94,5% dos casos, na qual observamos que, novamente, o trinômio política-ciência-patologias e tratamento ocupa espaço privilegiado em relação aos demais temas no campo da saúde. Nesse sentido, a editoria internacional parece ter cooptado a seção de Ciências, já extinta no “Público”, já que é aí que encontramos a maioria das notícias sobre investigação e desenvolvimento.

Em contrapartida, notamos a imposição da agenda política nacional, quando observamos que as notícias sobre política de saúde representam 35% do total de notícias de origem nacional, contra 8% internacionais.

Surpreendeu-nos o fato de as histórias pessoais representarem 10,4% do conteúdo internacional, sabendo que esse tipo de notícia não merece destaque do jornal, ocupando apenas 5,8% do espaço total dedicado à saúde no “Público”. Observamos, no entanto, que das 13 veiculadas em Mundo, mais de um terço (cinco) estavam ligadas à saúde de autoridades, como a dúvida sobre o real estado do presidente norte-coreano Kim Jong-Il, que teria sido acometido por um acidente vascular cerebral, ou a integridade física da candidata a presidente Ingrid Betancourt após seis anos de cativo, na Colômbia.

As restantes peças com esse tema relatam histórias sensacionais como foi o caso do homem grávido ou da egípcia que teve séptuplos, que se repercutiram também na imprensa por todo o mundo. A tabela abaixo mostra a distribuição dos temas mais abordados pelo “Público” no segundo semestre de 2008, em função de sua origem geográfica.

**Tabela 3 – Portugal nas notícias**

Temas	Número de peças	
	Nacional	Internacional
Investigação	33	55
Situações de risco	38	30
Políticas de saúde	142	11

#### **5.1.4. – Conclusão**

Concluimos que o “Público” é um jornal plural, na medida em que dá espaço aos diversos temas dentro do campo da saúde, mas que privilegia, de forma acentuada, as notícias de cunho político, evidenciando a imagem de elite da publicação. O volume de *hard news* mostra uma imposição da agenda pública sobre o jornal. As notícias veiculadas no “Público” são breves em sua maioria, evidenciando a falta de espaço e o plano secundário que ocupam, e relatam, normalmente, fatos que ocorreram no dia anterior a sua publicação. Devido à predominância dos fatos nacionais, as notícias de saúde são mais facilmente encontradas na seção Portugal.

## 5.2. – Radiografia do “Correio Popular”

O estudo do “Correio Popular” nos permite afirmar que o jornal valoriza, sobretudo, duas grandes temáticas: a política e as patologias e tratamentos. Esta segunda impõe ligeira vantagem sobre a primeira. Na análise quantitativa das peças jornalísticas, verificamos que esses dois temas correspondem a 48,6% do espaço dedicado às notícias de saúde do “Correio Popular”, no período estudado. Identificamos, na amostra de 512 peças, 112 que reportavam a saúde sob uma perspectiva política e 127 sob a perspectiva das patologias e tratamento.

**Tabela 4 – Os temas do “Correio Popular”**

<b>Macrotemas</b>	<b>Temas</b>	<b>Nº de peças</b>
<b>Campo político</b>	Iniciativas políticas, políticas de saúde e inauguração de instalações e serviços	122
<b>Campo das patologias e tratamento</b>	Situações de risco, prevenção, retrato de doenças e práticas clínicas	127
<b>Campo de investigação</b>	Investigação e desenvolvimento	68
<b>Histórias individuais</b>	Testemunhos e histórias de vida	62

Durante o estágio realizado na redação observamos que a temática que envolve as patologias, traduzidas em textos sobre situações de risco, prevenção, retratos de doenças ou práticas clínicas, merecem destaque por um lado pelo seu conteúdo impactante e, por outro lado, porque permite que a cobertura seja feita por um jornalista não-especializado. O “Correio Popular” desvaloriza a setorização absoluta dos jornalistas. Quer isso dizer que o jornalista deve estar preparado para cobrir qualquer tipo de evento, embora a setorização ocorra naturalmente entre os profissionais que lá trabalham.

O número de histórias individuais chama a atenção por se tratar de um jornal de referência, mas deve ser visto com reserva, considerando que o segundo semestre de 2008 foi um ano complicado para a saúde do vice-presidente brasileiro José de Alencar. Acometido por um câncer de estômago, Alencar foi diversas vezes encaminhado ao hospital. Por se tratar de uma autoridade, suas entradas no hospital e saídas eram frequentemente registradas pela imprensa, assim como os boletins clínicos divulgados pela equipe médica que cuidava do político. Também a saúde aba-

lada do cirurgião plástico Ivo Pitanguy foi seguida pormenorizadamente pela imprensa. Como pudemos constatar em Johnson (1998), a vida de autoridades e celebridades ainda continua sendo de amplo interesse da imprensa.

Outra leitura pode nos levar ao mesmo resultado e comprovar efetivamente o que acabamos de relatar: quando cruzamos os resultados obtidos relativos aos motivos de noticiabilidade com a seção nas quais as notícias de saúde são mais frequentemente publicadas, verificamos que as histórias individuais também aparecem mais vezes – 31 das 62 histórias – no caderno Brasil, revelando um interesse generalizado dos *media* pelo estado de saúde das autoridades e celebridades. Também precisamos frisar que, no “Correio Popular”, as histórias individuais são usadas para dar legitimidade às peças de saúde. Segundo a repórter responsável pela cobertura de saúde do “Correio Popular” Delma Medeiros, “muitas matérias deixaram de ser publicadas porque não tinham personagem”.

As peças sobre as histórias individuais colocam-se praticamente no mesmo patamar daquelas em que sobressaem o interesse de uma coletividade, traduzidas nas histórias que reportam as ações ou a inércia no campo da saúde que afetam diretamente quer os usuários do sistema, por meio dos protestos ou da dificuldade de acesso a tratamentos, quer dos profissionais da saúde, através das reivindicações laborais e nos possibilita olhar para saúde como parte de um sistema social.

Abrangidos por essa temática social, encontramos 51 notícias. O estágio no “Correio Popular” permitiu-nos observar uma certa rejeição aos acontecimentos locais que focavam condições laborais, sobre os quais não encontramos mais que cinco notícias. Como exemplo de notícias que têm foco nas condições laborais, encontramos os títulos “Médicos falam em trabalho escravo, publicado dia 11 de Setembro, e “Servidor decide entrar em greve em Recife”, ambos publicados no segundo caderno, fortalecendo a noção de distanciamento da principal editoria do jornal, a de Cidades, em relação ao tema.

Admitimos, aqui, a hipótese de temas como dias nacionais ou mundiais, as efemérides e os negócios à volta do campo serem secundários, em virtude de representarem, cada um deles, menos de 3% das notícias de saúde veiculadas pelo “Correio Popular”. É preciso frisar que a seção Economia não foi contemplada neste estudo e que, portanto, é possível que as notícias sobre os negócios à volta do campo tivesse mais destaque em tal editoria.

A polarização entre as notícias que focam as políticas de saúde e as que versam sobre as condições de trabalho podem ser interpretadas como a supremacia do poder político local em detrimento da sociedade civil organizada, relativamente aos atores sociais representados no “Correio Popular”. A repórter de saúde Delma Medeiros confirma essa tese quando diz que “os sindicatos e as associações raramente dão origem a notícias importantes”. Segundo a jornalista, essas instituições estão muito voltadas para os seus problemas internos e não fornecem informações de interesse público. Esse dado também remete a uma questão econômica, na qual as fontes com mais recursos acabam por obter mais espaço, como teremos oportunidade de relatar em capítulo específico sobre as fontes de informação.

### **5.2.1. – O lugar das notícias**

Verificamos que a maior parte das notícias de saúde veiculadas no “Correio Popular” estão situadas no Primeiro Caderno, na editoria de Cidades. Nesse espaço foram publicadas 305 peças. Na seção Brasil, encontramos 172 textos e, por último, no segundo caderno, em Mundo, localizamos 35.

Com relação à origem geográfica da notícia, observamos que se trata de informações predominantemente nacionais, respondendo a 91,8% (470) do total de peças analisadas, e isso explicar-se-ia pelo fato de ser um jornal com forte tendência regional, onde a maior parte das peças de saúde são publicadas no Primeiro Caderno.

Ao identificarmos essa prevalência das peças nacionais em relação às internacionais, podemos observar que as primeiras estão divididas entre duas editorias: Cidades e Brasil, na proporção de três peças para uma, respectivamente. As notícias internacionais são encontradas em Mundo e representam 7% de toda a informação sobre saúde publicada pelo “Correio Popular”.

Enquanto nas seções Brasil e Cidades prevalecem as histórias como uma visão política da saúde, na seção Mundo salientam-se os contornos mais sensacionalistas, onde têm lugar histórias de grande impacto. Em outras palavras: nas seções Brasil e Cidades, são mais comuns as notícias sobre política de saúde – com um tom neutro no primeiro e mais um apelo mais positivo no segundo – embora também seja na seção Cidades que encontramos o maior volume de peças sobre a temática das patologias e tratamento (tabela 5).

**Tabela 5 – Temas do “Correio Popular” por seção**

<b>Temática</b>	<b>Seção (número de peças)</b>		
	<b>Cidades</b>	<b>Brasil</b>	<b>Mundo</b>
<b>Campo político</b>	82	38	2
<b>Campo das patologias e tratamento</b>	70	35	12
<b>Campo de investigação</b>	33	25	10
<b>Histórias individuais</b>	24	32	6

Na seção Mundo, em função do espaço reduzido desta seção, encontramos, sobretudo, textos que relatam descobertas científicas, com reflexo mundial e de fatos que pressupõem situações de risco à saúde pública. Como exemplo, podemos citar o título “Sistema de saúde nos EUA mata 100 mil”, publicado pelo jornal em julho de 2008, ou, ainda, “Estudo aponta para a cura da herpes”, veiculada no mesmo mês.

O editor de Mundo, Paulo Martinelli, atribui o reduzido número de histórias do campo da saúde na editoria que coordena ao número de páginas que possui para noticiar os acontecimentos internacionais. De acordo com Martinelli, as notícias de saúde em Mundo são pontuais e, geralmente, informam sobre descobertas médicas acerca do câncer, da AIDS ou das doenças cardiorrespiratórias. Martinelli salienta que raramente consegue mais de três páginas diárias para a edição das notícias internacionais, incluindo a publicidade.

Sem nunca estar no primeiro lugar, as notícias sobre investigação e desenvolvimento figuram entre as mais importantes do jornal. Essa estatística dá-nos algum indício da influência das instituições de pesquisa e desenvolvimento sobre o jornal como fonte de informação, como vamos observar mais adiante.

O resultado da tabela 5 também nos permite dizer que há determinados assuntos reservados para as editorias de Brasil e Cidades. As peças sobre o Dia Mundial de Luta contra a AIDS ilustram o que acabamos de dizer: embora se tratasse de um dia mundial, foi publicada no Primeiro Caderno.

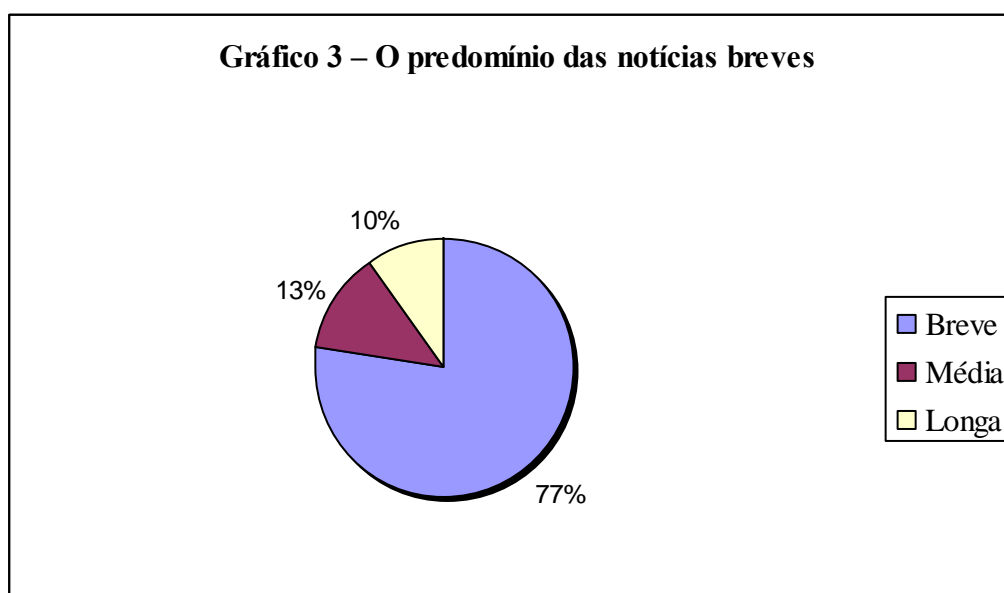
Verificamos que existe uma sincronia naquilo que motiva as notícias nas seções Brasil e Cidades, que não pode ser observada em Mundo. Como já referimos, enquanto nas duas primei-

ras notamos uma ligeira predominância dos assuntos ligados à política de saúde, na seção internacional são as peças sobre situações de risco (como as que envolvem grandes catástrofes) e de investigação que se sobressaem.

### 5.2.2. – Sem espaço para a saúde

O espaço dedicado às notícias de saúde é reduzido. Se há um crescimento do interesse pelos temas da saúde, como afirmam alguns estudiosos, esse ainda não refletiu no tamanho das notícias nos jornais. A exemplo do que constatarem estudos à volta das notícias de saúde enquanto parte do jornalismo científico, as peças de saúde no “Correio Popular” são geralmente breves, como podemos observar no gráfico 3.

Observamos que as notícias breves, ou seja, com menos de meia página, representam 77,3% do total, enquanto as longas, publicadas em páginas inteiras ou em mais de uma página, não ultrapassam os 10%. Tal resultado remete para o fato de o espaço dedicado às ciências ser influenciado pelo mercado (Clark & Illman, 2007) e serem tanto menores quando publicadas fora de um suplemento específico. Se as propagandas no suplemento de ciências ou, neste caso, no jornal, crescem, as notícias podem acompanhar seu crescimento, mas se diminuem, o espaço dedicado às ciências certamente diminuirá, pois implicará a redução do número de páginas.



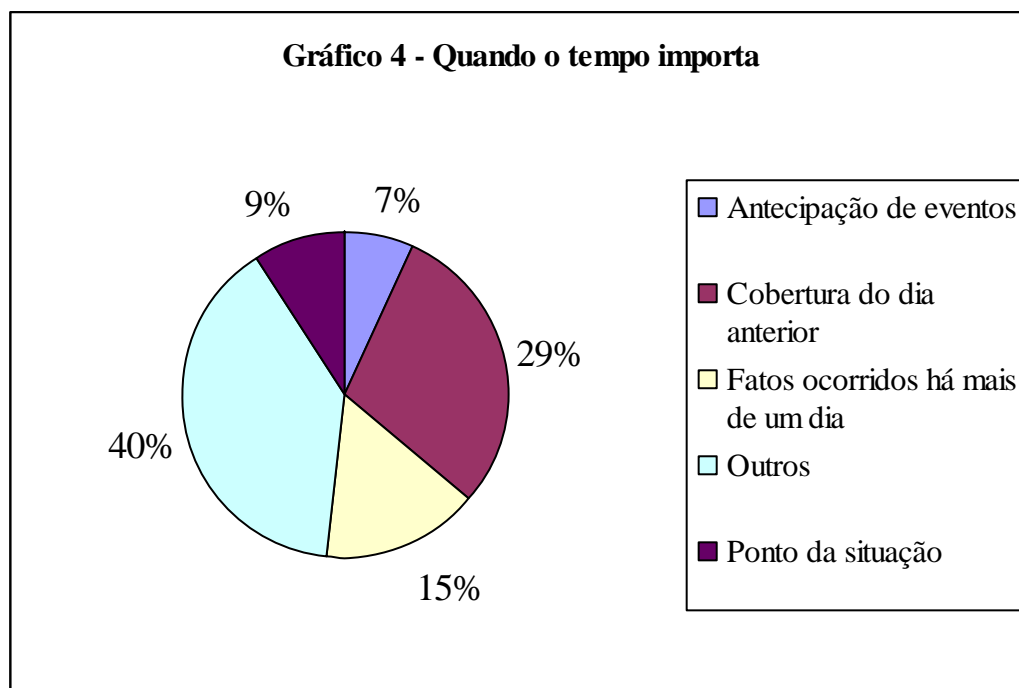
É importante ter em conta que o tamanho das notícias pode não ser relevante para expressar a linha editorial do jornal sobre determinado assunto. Passamos a explicar: podemos dizer que não há uma relação direta entre tamanho das peças e os motivos pelos quais elas são publicadas, fato que observamos ao cruzar os resultados obtidos nesses dois tópicos analisados.

Ora, já dissemos que as notícias sobre condições laborais representam apenas 1% do total de peças analisadas. Entretanto, 20% das notícias sobre esse tema são longas. Enquanto que apenas 5,9% das notícias que descrevem situações de risco, merecedoras de destaque no “Correio Popular”, têm o mesmo tamanho. Embora tenha sido possível constatar que os assuntos considerados mais importantes pelo jornal também eram aqueles que mereciam o maior número de “suites” e, portanto, mesmo sendo brevemente relatados, estavam sempre no noticiário.

### **5.2.3. – O “Correio Popular” em cima da notícia**

Por se tratar de um jornal diário, o “Correio Popular” dá preferência à publicação de acontecimentos ocorridos no dia anterior à sua publicação (gráfico 4). Tendo observado de perto a realidade do jornal, constatamos que a falta de uma concorrência direta faculta ao veículo a divulgação imediata da informação. Tal ocorrência explicaria o elevado percentual de notícias que aparecem sem referência à data em que o fato noticioso ocorreu e também o volume de notícias publicadas dias após a informação ter chegado à redação. Quanto a essa questão, a setorista de saúde do “Correio Popular” explica que há dias em que há mais de uma notícia relevante para a saúde e que a relevância nem sempre implica urgência na publicação. Por falta de espaço, é preciso selecioná-las. Urge questionarmo-nos até que ponto o “engavetamento” de notícias de saúde é um reflexo da secundarização do tema no jornal.





Os resultados obtidos com esta análise permitem-nos concluir que o “Correio Popular”, no que diz respeito ao campo da saúde, é um jornal de elite, mas com expressivo carácter popular, uma vez que evidenciam-se as histórias breves e focadas nas situações de risco e prevenção de doenças. O jornal privilegia as histórias de conteúdos nacionais, condicionados à possibilidade de regionalização, publicados maioritariamente na editoria de Cidades, no Primeiro Caderno.

### 5.3. – Relação “Público” vs. “Correio Popular”

Que semelhanças e diferenças têm entre si os jornais “Público” e “Correio Popular” em relação às notícias no campo da saúde? A comparação do resultado da análise dos dois jornais nos conduz a uma conclusão que surpreende pelas distâncias geográficas e, principalmente, editorial que os separa.

A respeito da semelhanças, concluímos que ambos dão preferência às histórias breves, ou seja, contendo menos de meia página, de origem nacional, ocorridas no dia anterior à sua publicação e reservam às peças de saúde um espaço rotineiro no caderno principal.

Notamos algumas diferenças quando comparamos, por exemplo, as agendas privilegiadas pelos jornais em questão. Não obstante, as temáticas política, patologias e tratamento e ciência

ocuparem um espaço de destaque, o “Público” persegue uma audiência de elite, dando ênfase às peças de saúde orientadas pela temática política, e o “Correio Popular” cede a um carácter mais popular, potencializando as histórias que relatam situações de risco, prevenção de doenças e as histórias individuais.

Essas diferenças são mais agudas se considerarmos o percentual de peças relativamente a cada um dos motivos, e menos evidente se, no lugar de verificarmos as percentagens, olharmos diretamente para o espaço ocupado por esses temas na agenda de cada veículo. Por outras palavras, nos dois jornais, as histórias que abordam os campos das políticas de saúde e das patologias e tratamento predominam sobre os demais temas, somando, em cada um dos periódicos, pouco mais de um terço das histórias noticiadas.

Enquanto no “Correio Popular” os dois temas são publicados de modo equilibrado, no “Público” a relação entre eles é quase de dois para um. Ou seja, no jornal português, as questões que envolvem o debate político, têm mais destaque.

Mas quais as consequências sociais desse tipo de agenda? Os estudos feitos até aqui apontam para um jornalismo cada vez mais influenciado pelo mercado e pelas pressões de outros campos sociais (Bordieu, 1997). Como resultado desse comportamento dos *media*, cresce a possibilidade de aprisionamento individual. Queremos dizer que já não pensamos por nós, mas por uma mente coletiva. O medo do isolamento social permite que a voz de uma maioria, do mais forte, do mais influente prevaleça sobre as ideias da minoria, formando, assim, uma espiral do silêncio (Noelle-Neuman 1985) em torno de determinados assuntos. Quando a imprensa limita sua cobertura a determinados temas, estará, na realidade, submetendo a opinião pública às regras mercadológicas?

Muito embora as questões políticas estejam muito presentes no “Público”, observamos um distanciamento deste com relação ao uso das notícias de saúde para veicular propagandas de campanha partidária. Não estão em causa, aqui, as tendências políticas de cada um dos jornais impressas no conteúdo das histórias. O que existe é a constatação de que a um ano das eleições autárquicas e legislativas em Portugal, o “Público” veiculou apenas uma notícia no qual esse carácter pudesse ser imputado. No “Correio Popular”, o número de notícias com esse tema também pode ser considerado irrelevante na comparação com os demais.

O silêncio do periódico brasileiro é curiosamente mais evidente nas histórias sobre as condições laborais. O jornal que prega um diálogo aberto com o seu público, nesta questão, ofe-

rece pouco espaço para a voz dos trabalhadores, constituída como fonte institucional especializada, fato que vamos perceber mais adiante, quando aprofundarmos o estudo das fontes de informação.

Já observamos que os dois periódicos dão preferência às histórias de conteúdo nacional. Devemos nos questionar, então, que espaço o “Público” e o “Correio Popular” consagram às notícias de saúde internacionais. Verificamos que, entre os dois veículos de informação, é no jornal português que os acontecimentos internacionais no campo da saúde têm maior visibilidade. Tal explica-se pelo fato de o diário brasileiro em questão ser um jornal regionalizado. Enquanto no “Correio Popular” as peças publicadas na seção Mundo equivalem a 6,8% de um total de 512 analisadas, no “Público” o índice é de 20,5% das 537 compiladas para análise.

A seção internacional também abre espaço para a publicação de notícias ligadas ao campo de investigação. Esse tipo de notícia é o que mais aparece na seção Mundo nos dois jornais. A questão está directamente ligada ao fato de as notícias internacionais serem geradas, na maioria das vezes, por agências internacionais e publicações científicas estrangeiras. No entanto, no “Correio Popular”, notamos um dado curioso: ao contrário do “Público”, as notícias que têm como pano de fundo as pesquisas e as investigações estão mais presentes na seção de Cidades (que no periódico português corresponderia à seção Portugal). Por exemplo: alguns assuntos foram comuns aos dois jornais, principalmente quando se tratava de notícias de impacto, seja por impor situações de risco, como foi o caso da contaminação do leite em pó para bebês na China, ou pelo lado sensacionalista como a notícia do transsexual que deu a luz. Sensacionalista porque o título “Homem grávido” transmitia a ideia de que alguém do sexo masculino estava grávido, quando, na verdade, ao ler a notícia, percebia-se que se tratava de uma mulher.

Outras diferenças de conteúdo são pertinentes, ainda que pequenas em termos numéricos. No “Correio Popular”, as notícias que relatam histórias individuais ou inauguração de serviços têm duas vezes mais penetração que no “Público”, mas a situação se inverte quando se trata da publicação de histórias relacionadas aos negócios à volta do campo da saúde.

Observamos, porém, quando analisamos os espaços dos jornais dedicados às histórias de saúde o que pesquisas no campo da comunicação já haviam constatado: nem todos os silêncios podem significar consentimento ou repressão, mas apenas manifestar uma falta de interesse dos *media* por determinadas matérias. Quer isso dizer que o que encontramos são apenas indicações e não verdades absolutas.

### **Parte III – O DNA das fontes**

#### **6. – Caracterizando as fontes**

Neste capítulo passamos para a análise das fontes no jornalismo de saúde quando ao estatuto. Quem são as fontes de informação quando falamos de saúde? Qual o papel desempenhado pelas fontes de informação na construção da notícia? Qual o peso das fontes oficiais? São questões que procuramos responder a seguir.

##### **6.1. – De onde são as fontes do “Público”**

A análise das 537 peças de saúde do “Público” permitiu-nos encontrar 967 fontes de informação, correspondente a uma média de 1,8 fonte por notícia. Neste capítulo vamos explorá-las quanto ao seu lugar de origem, gênero, identificação e o estatuto. Observamos que há 274 (51%) peças com apenas uma fonte de informação, 112 (20,9%) com duas, 69 (12,8%) com três e outras 55 (10,2%) com mais de três. Encontramos também 27 (5%) peças sem qualquer fonte citada.

No que diz respeito ao lugar de origem ou à nacionalidade, verificamos que as fontes do “Público” são predominantemente nacionais. O resultado da pesquisa quantitativa aponta para

757 fontes nacionais e 196 internacionais. O quadro não surpreende visto se tratar de um jornal nacional e, como já observamos em capítulo anterior, preocupado em relatar as questões de Portugal. As fontes internacionais são vulgarmente encontradas na seção Mundo e consultadas para a elaboração de peças sobre situação de risco e retratos de doenças, histórias individuais, mas legitimam, sobretudo, as notícias sobre investigação.

**Tabela 6 – De onde são as fontes do “Público”**

Motivos de noticiabilidade	Lugar da fonte	
	Nacional (em número de peças)	Internacional (em número de peças)
<b>Investigação</b>	64	69
<b>Situações de risco</b>	62	47
<b>Dias Mundiais/Nacionais</b>	12	8
<b>Efemérides</b>	29	2
<b>Protestos/Negligência</b>	80	1
<b>Condições laborais</b>	65	0
<b>Inaugurações de serviços</b>	1	0
<b>Políticas de saúde</b>	225	16
<b>Negócios no campo</b>	47	6
<b>Práticas clínicas</b>	25	10
<b>Histórias Individuais</b>	31	22
<b>Outros</b>	116	15

#### **6.1.1. – A supremacia masculina**

Ao analisarmos os gêneros predominantes entre as fontes de informação, verificamos que os homens são os que mais aparecem nas notícias de saúde no “Público”. O sexo masculino representa 40% das 967 fontes citadas pelo jornal.

A presença masculina é tônica entre as fontes oficiais, especializadas institucionais e não-institucionais e, também, não-especializadas. O gênero feminino ronda os 16% das fontes de

informação utilizadas pelo “Público” e só é maior em número de citações quando são entrevistadas como pacientes ou familiares destes.

No segundo lugar do *ranking* encontramos as fontes documentais ou os meios de comunicação, que somados chegam a quase um terço das citações feitas pelo “Público”. Menos expressiva que a voz feminina é a voz do coletivo que, representando ou não uma instituição, corresponde a menos de 15% do total de fontes analisadas neste trabalho. Ao cruzarmos o gênero e a nacionalidade das fontes, o resultado não poderia ser diferente: novamente as fontes masculinas prevalecem entre as nacionais e internacionais, numa proporção de 12 fontes nacionais para uma internacional; entre as mulheres, essa proporção é de oito fontes para uma.

### **6.1.2. – Identidade obrigatória**

A identificação das fontes de informação é uma das premissas no jornalismo feito pelo “Público”, de acordo com o verbete “fontes” impresso no Livro de Estilo do jornal, mas não só. Como já referimos, está em jogo a questão da responsabilidade do jornalista (Fidalgo 2000:327) que, “por um lado, não pode nem deve sentir-se ‘desresponsabilizado’ pelo facto de atribuir certas afirmações a fontes, mesmo quando claramente identificadas (...) e, por outro lado, não pode também contribuir para ‘desresponsabilizar’ as fontes a que recorre.”

Com as notícias de saúde não é diferente: 94% das fontes consultadas pelo “Público” são identificadas com o nome e com o cargo que ocupam, se forem especializadas institucionais ou oficiais, e com a profissão que desempenham, se forem não-institucionais ou não-especializadas. Encontramos sem identificação ou, pelo menos, sem a identificação completa, 4,5% das fontes citadas.

Ora, essa imposição deontológica também pode ser constatada pelas pouquíssimas vezes em que o anonimato é um recurso utilizado nas peças de saúde. No presente trabalho, não representam mais de 1,5% das 967 fontes analisadas. Das 17 vezes em que o jornal recorreu ao anonimato das fontes, em cinco reportava notícias sobre políticas de saúde. As demais fontes anónimas citadas pelo “Público” são pulverizadas em peças com motivos diversos de noticiabilidade.

### 6.1.3. – O “Público” e o papel das fontes oficiais

Com ligeira vantagem, as fontes de informação oficiais são as que predominam no noticiário de saúde produzido pelo jornal “Público”. O governo e aqueles que ocupam cargos eletivos, seus assessores de imprensa e os documentos legais, tais como as leis, são os mais consultados pelos jornalistas na elaboração da notícia (tabela 7). Elas representam, juntas, 28% do total das fontes de informação utilizadas pelo jornal, no período analisado.

**Tabela 7 – As fontes em números no “Público”**

<b>Oficial</b>	<b>Especializada institucional</b>	<b>Especializada não-institucional</b>	<b>Outros Profissionais</b>	<b>Meios de Comunicação</b>	<b>Assessores</b>
270	264	54	133	240	22

Podemos analisar a predominância das fontes oficiais sob diversos ângulos. Fica claro no Livro de Estilo do jornal (1998:186), que recomenda o recurso à pluralidade das fontes quando estas têm natureza militar, política, ideológica e partidária, que o recurso único às fontes oficiais não é uma política do jornal.

Gandy (1980) defende que quem fornece a informação está disposto a arcar com seus custos, pois o que quer é beneficiar-se, de alguma forma, daquilo que é publicado nos *media*. Utilizando o conceito de canais de rotina de Sigal (1973:104), o autor refere que: “clearly the routine channels are heavily subsidized by those news sources who want to control the availability and interpretation of information about issues affecting their welfare”.

Conforme Gandy, Sigal analisou a natureza econômica do relacionamento entre as fontes e os repórteres, segundo a qual os fluxos de informação passariam por três canais: canal de rotina (comunicados, *press-releases*), informal e iniciativas (entrevistas, exclusivos). O governo, os burocratas e os que ocupam cargos eletivos são os que mais se utilizam dos canais de rotina para chegar a imprensa e despejam sobre os *media*, todos os dias, dezenas de *briefings*, organizam conferências de imprensa e oferecem informações cuja publicação lhes convém.

Outro aspecto diz respeito ao fato do “Público” privilegiar as notícias no âmbito das políticas de saúde, o que o obrigaria o recurso às fontes oficiais. Para além disso, nas fontes oficiais são sempre reconhecidas a competência e a seriedade para prestar a informação.

#### **6.1.4. – O “Público” e os *media***

Os *media* são também frequentemente consultados pelos jornalistas de saúde, sejam eles agências internacionais e nacionais, como a Lusa e a Reuters, outros meios de comunicação, entre eles o concorrente “Diário de Notícias”, ou *websites*, ou os documentos especializados, tais como as publicações científicas, onde sobressaem revistas como a “Science” e a “Nature”.

O resultado da análise quantitativa do “Público” revela que os *media* ocupam um lugar de destaque, correspondendo a 25% do total de fontes citadas pelo jornal. Tal fato vem reforçar a tese de Bordieu (1997) sobre a circulação circular da informação, em que os *media* servem-se uns dos outros como fonte em virtude da pressão mercadológica, traduzida como concorrência, como já tivemos a oportunidade de observar no enquadramento teórico.

Entre os *media*, os *websites* são os que menos aparecem no jornal como fontes, o que não quer dizer que não sejam consultados: o trabalho de observação da produção jornalística nos permite dizer que os *websites* ainda são vistos pelos jornalistas como ferramenta de trabalho, algo atrelado ao computador, e não como fonte. No extremo oposto estão os meios de comunicação tradicionais, tais como os jornais e as agências nacionais e internacionais de notícia.

Os documentos especializados são bastante citados, principalmente nas notícias que têm a investigação científica como motivo de noticiabilidade. De todo o escopo de fontes do “Público”, os documentos especializados representam 7,5%. No grupo dos *media*, essa representação sobe para 30%.

#### **6.1.5. – Os profissionais de saúde como fontes**

Depois das fontes oficiais e dos meios de comunicação, os profissionais de saúde ligados a uma instituição, fato que os caracteriza como fontes especializadas institucionais, são os que mais aparecem no “Público” como fornecedores de informação. Eles representam em torno de 12% do total de fontes analisadas. Para além dos médicos, os investigadores, com uma representação de 4,2% do total, e os farmacêuticos, com 2,5%, são as categorias profissionais que mais aparecem como fontes institucionalizadas de informação nas notícias de saúde.

Os dois primeiros não causam surpresa. Mas, por quê os farmacêuticos e não os enfermeiros? Santos (2006) afirma que há uma luta permanente entre as fontes por maior espaço mediático. É importante frisar o papel da indústria farmacêutica como agente fomentador de notícias seja

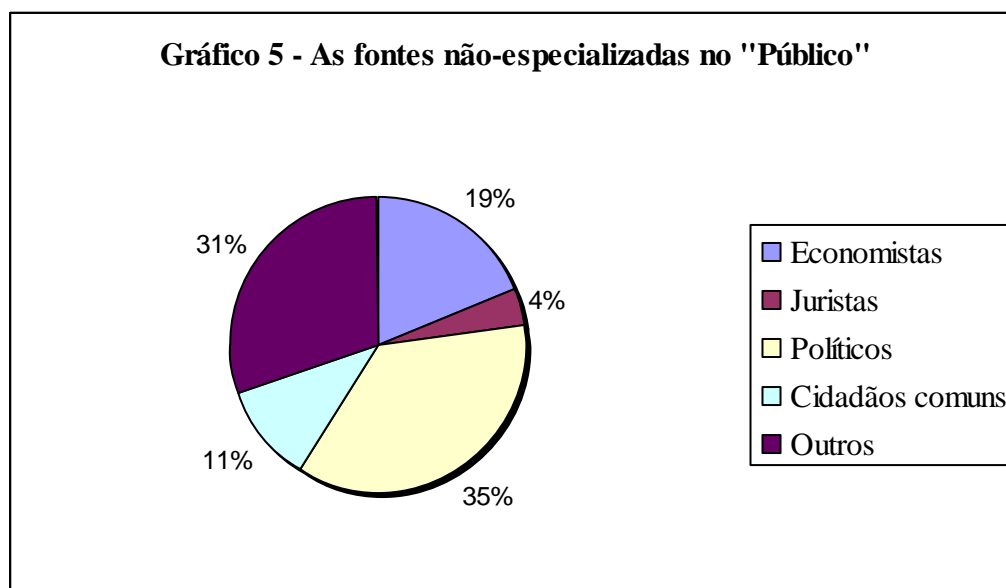


pelo lado do interesse científico seja pelo lado económico. Neste caso específico, salientamos que o período de análise das notícias do “Público” coincidiu com a época em que o jornal deu destaque às notícias sobre a decisão do governo de reduzir o preço dos genéricos, o que propiciou uma ampla discussão nos *media*, dando voz, por consequência, à indústria farmacêutica. Entretanto, a possibilidade de uma greve entre os enfermeiros também eclodiu, elevando a participação da classe nos *media*. Na luta para conseguir um espaço mediático, os enfermeiros teriam sido menos eficazes que os farmacêuticos?

Como fontes não-institucionais encontramos uma paridade: os pacientes são quem têm mais voz, seguidos dos médicos e outros profissionais da área da saúde. Ressaltamos, no entanto, que nenhuma delas tem participação significativa no jornal português como fontes de informação, representando uma fração de 6% do total de fontes citadas.

#### 6.1.6. – Os políticos e a saúde

Uma característica bastante notável no “Público” é o espaço mediático dado aos partidos políticos em geral e aos políticos em particular nas notícias de saúde. Observamos que eles são quase tão representativos quanto à soma das fontes de informação não-institucionais, equivalendo a uma fatia de 5% do total de fontes citadas. Tal fato faz-nos refletir sobre as estratégias de comunicação utilizadas pelas fontes para garantir espaço nos meios de comunicação.



### **6.1.7. – Conclusão**

As fontes oficiais são as mais presentes no “Público”, embora as fontes especializadas institucionais, como um todo, e os meios de comunicação registem valores de representatividade muito aproximados. O espaço ocupado por políticos chama atenção em relação àquele ocupado por outros profissionais implicados, mas não ligados diretamente à área da saúde. Raras vezes o jornal deixa de identificar as suas fontes. Notamos, ainda, a predominância das fontes nacionais, quando ao lugar de origem, e do sexo masculino, em relação ao gênero.

## **6.2. – A origem das fontes no “Correio Popular”**

Na análise das 512 peças de saúde do “Correio Popular” encontramos 900 fontes de informação. Isso implica dizer que jornal brasileiro ouviu, em média, de 1,75 fonte por notícia publicada no segundo semestre de 2008.

Quando olhamos para as notícias de saúde constatamos que mais da metade delas (58,3%) contava com uma única fonte de informação; 16% baseava-se na informação de duas fontes; 9,8% citava três fontes e 12% tinha mais de três fontes. As peças publicadas sem a citação de fontes correspondem a 3,3% do total analisado.

Também para o “Correio Popular” constatamos o óbvio em termos de origem das fontes: são na sua maioria nacionais, ou seja, brasileiras radicadas no país. A percentagem de fontes nacionais no “Correio Popular” é de 96,3%, enquanto as internacionais não chegam a 5% das fontes citadas.

Observamos que o número de fontes internacionais (31) é praticamente o mesmo de textos publicados na seção Mundo (35). Como essa editoria as informações de agências noticiosas estrangeiras, nomeadamente a France Presse, podemos afirmar que as principais fontes de informação internacional do “Correio Popular” são as agências.

### **6.2.1. – Um jornal no feminino?**

Ao contrário do que se tem verificado em estudos de gênero na área jornalística, pelo menos no que diz respeito à saúde, no “Correio Popular” as fontes femininas igualam-se às masculinas em número de citações.

Embora em números absolutos a participação das mulheres e dos homens seja equivalente, ao analisarmos as fontes como valor notícia, observamos o papel secundário da presença feminina: prevalecem, sobretudo, entre os pacientes, cidadãos comuns e, também, entre os investigadores. Constatamos que as mulheres são mais vezes citadas em notícias com mais de uma fonte e menos consultadas quando a peça tem uma única fonte de informação.

Quanto aos homens, constatamos que eles são na sua maioria médicos, institucionalizados ou não, políticos e fontes oficiais, embora nessa última categoria a discrepância entre os dois gêneros seja menor que a relação homem/mulher observada nos demais estatutos (tabela 8).

Em seu estudo sobre o lugar do jornalismo na memória, Kitch (2008) afirma que o jornalismo é um lugar de construção da memória. Nesse contexto, podemos atribuir a predominância masculina em determinadas categorias a uma influência cultural: da memória que temos quando pensamos no papel do homem e da mulher na sociedade, sem esquecermos que o recurso às fontes masculinas liga-se ao fato de que ainda vivemos numa sociedade que privilegia o homem.

**Tabela 8 – Distribuição das notícias por gênero e profissão**

<b>Cargo ou profissão</b>	<b>Gênero (número de peças)</b>	
	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
Oficial	76	62
Médicos	63	33
Políticos	8	3
Pacientes	37	71
Cidadãos comuns	47	72
Investigadores	14	25

#### **6.2.2. – Identificação compulsória**

Quanto à identidade das fontes, verificamos que o “Correio Popular” identifica habitualmente as fontes, revelando-lhes o nome, cargo ou profissão em 97,8% dos casos. Apenas 2% das notícias não são identificadas e em menos de 0,5% das peças de saúde o jornal brasileiro recorreu ao anonimato das fontes.

Através da observação no “Correio Popular”, verificamos que a não identificação das fontes ocorre, sobretudo, quando são entrevistados pacientes e seus familiares e na emissão de opiniões de cidadãos comuns. Entretanto, o trabalho analítico mostra-nos que fontes oficiais, médicos e até mesmo investigadores aparecem não-identificados nos textos publicados no jornal.

### **6.2.3. – O “Correio Popular” e os *media***

Parece invulgar que num jornal de referência a maior parte das fontes seja outros meios de comunicação, também de referência, mas é o que podemos constatar ao analisarmos as fontes do “Correio Popular”. Elas correspondem a 24,6% do escopo que, em números absolutos, equivale a 222 fontes. Entre os meios de comunicação social mais utilizados pelo jornal brasileiro estão as agências noticiosas e outros jornais. No último lugar da tabela aparecem os *websites*, muito embora tenhamos constatado, na observação participativa, a utilização frequente e diária dessa ferramenta entre os profissionais. Tal resultado é consequência da utilização de peças noticiosas subscritas de agências nacionais (Agência Brasil, Agência Estado e Folhapress) e internacionais (France Presse) de informação, nas seções Brasil e Mundo. Recordamos que tais editoriais do “Correio Popular” são produtos dessas agências.

Esse recurso aos *media* merece uma reflexão. De um lado, a utilização absoluta dos *media* em duas seções do jornal brasileiro pode ser entendida como produto da influência econômica nas organizações de comunicação e um fenômeno identificado como convergência, que tem deixado as redações cada vez mais reduzidas.

Do outro lado, é pertinente questionarmo-nos de que modo essas agências noticiosas contribuem para a standardização dos jornais, impondo-lhes uma agenda única, como já demonstramos noutro momento deste trabalho. Ou, ainda, ponderarmos sobre a credibilidade das notícias que circulam entre os meios de comunicação, uma vez que raramente as informações de outros meios são aferidas.

### **6.2.4. – Fontes por eleição e o papel dos assessores**

As fontes que carregam o estatuto oficial, ou seja, o aparelho do Estado, aquelas investidas de um cargo eletivo, seus assessores e documentos legais, ocupam o terceiro recurso mais

utilizado pelo “Correio Popular”, seguidas das especializadas institucionais e das não-especializadas (tabela 9).

**Tabela 9 – O estatuto das fontes no “Correio Popular”**

<b>Oficial</b>	<b>Especializada Institucional</b>	<b>Especializada Não-institucional</b>	<b>Outros Profissionais</b>	<b>Meios de Comunicação</b>	<b>Assessores</b>
188	150	130	195	222	22

Quando olhamos para cada fonte investida de caráter oficial utilizada, sobretudo, nas peças de política de saúde, observamos que os assessores oficiais são os menos citados. Em primeiro lugar estão os secretários e diretores de saúde, em segundo estão as leis e, por último, os assessores. Esses números devem ser observados com ressalva. O trabalho de campo no “Correio Popular” nos permitiu verificar que, embora não sejam citados nos textos, os assessores, sejam eles oficiais ou não, são os mais consultados pelo jornal brasileiro.

Outra ressalva deve ser feita com relação ao número de assessores oficiais e especializados citados. Na amostra analisada, os assessores especializados são os que mais aparecem. No entanto, na prática, os assessores oficiais são quem, de certa forma, controlam a agenda dos jornalistas. Dito isso, a pergunta que se segue é: que papéis desempenham os assessores de imprensa nas peças de saúde? Os assessores são responsáveis não só por colocar o jornalista em contato com fonte que se deseja, mas também são, muitas vezes, eles quem fornece a informação em nome de tal fonte. Ao redigir a peça, no entanto, essa informação é atribuída ao órgão de governo, sob a forma de “a Prefeitura informou que”, ou ao titular de determinada pasta, como “o secretário informou que”.

Os jornalistas do “Correio Popular” entrevistados para esta dissertação dizem que é mais fácil ter acesso à fonte de informação oficial se antes consultarem o assessor dela. A setorista de saúde Delma Medeiros conta que já esteve de frente com um diretor de saúde que lhe negou informação, alegando falta de autorização, e pediu para que entrasse em contato primeiramente com o assessor da tutela.

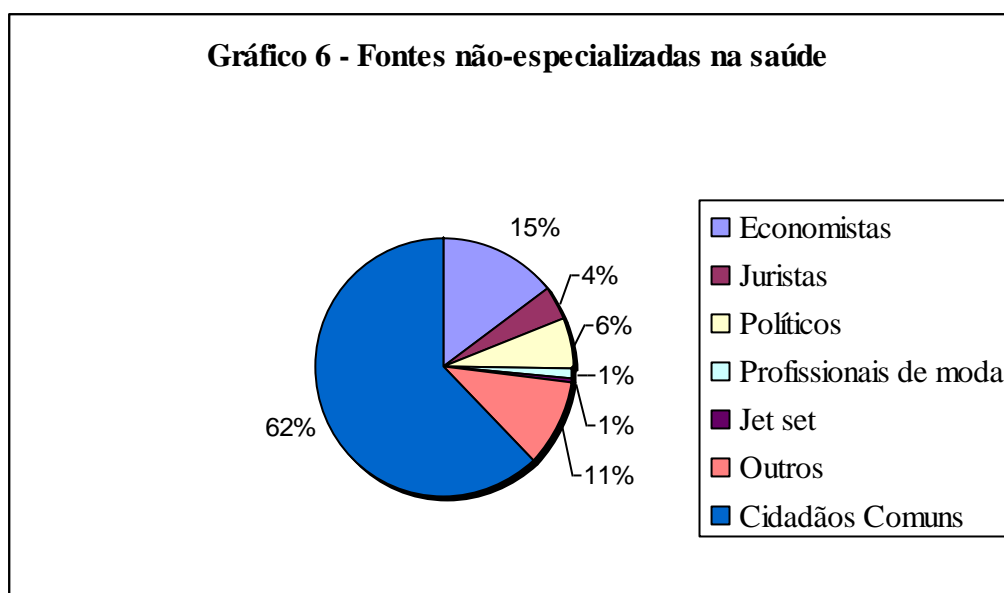
Santana (2007: 1) afirma que “as assessorias de imprensa têm se tornado destacadas partícipes no fornecimento de informação aos jornalistas, de tal forma que acabam por orientar e definir a produção jornalística, atuando ao mesmo tempo como fontes e produtores de notícia.”

### 6.2.5. – A voz do cidadão

Entre as fontes de informação especializadas, os médicos são os mais consultados, somando 88 das 150 encontradas, seguidos dos investigadores, que foram citados 34 vezes ao longo do período analisado. Importa explicar que os investigadores são constituídos fontes apenas nas peças de investigação e que, nesse intervalo, o “Correio Popular” publicou apenas 33 notícias com esse motivo de noticiabilidade.

No entanto, a participação dos médicos como fontes cai quando eles não estão veiculados a uma instituição. Quando observamos a participação dos outros profissionais e das fontes especializadas não-institucionais, a leitura dos dados do “Correio Popular” reporta para a experiência vivida no jornal durante a observação no campo e que revelou a importância da participação popular como legitimadora das peças noticiosas de saúde.

Entre as fontes desvinculadas de uma instituição, os pacientes representam mais 80% (107) do total citado. Já entre os outros profissionais ou fontes não-especializadas, são os cidadãos comuns os mais frequentemente entrevistados, representando 62% (121) das 195 fontes de informação ordenadas nessa categoria (gráfico 6).



Ao somarmos o número de vezes em que o “Correio Popular” entrevistou um paciente ou um cidadão comum para uma matéria de saúde, podemos verificar que o jornal ouviu mais esse tipo de fonte do que as oficiais. Equivale a dizer que, no período analisado, o “Correio Popular”

entrevistou 188 fontes oficiais e 228 populares. No entanto, raramente os cidadãos comuns ou pacientes aparecem nas peças onde apenas uma fonte é citada. A participação dos populares como fonte cresce à medida em que aumenta o número de fontes. Tal resultado nos leva a afirmar que esse tipo de fonte não basta na valorização da notícia. Em outras palavras: a história não se torna mais importante porque cita alguém que a vivenciou ou a testemunhou.

Os testemunhos para o jornal brasileiro são essenciais para legitimar as peças. Os jornalistas entrevistados para esta dissertação afirmam que já deixaram de publicar uma notícia porque não encontraram um personagem que tivesse vivenciado ou testemunhado a história que eles punham contar no jornal.

O resultado vai na contramão daquilo que afirmamos sobre as fontes de informação na luta por um espaço nos *media*, pois não podemos afirmar nem que têm mais recursos e, por esse motivo, garantem mais espaço nem estão dispostos a jogar o jogo da conveniência para serem notícias no jornal.

#### **6.2.6. – Conclusão**

Quando observamos o estatuto das fontes, verificamos que os cidadãos comuns e os *media* ocupam um espaço privilegiado nas peças de saúde do “Correio Popular”, resultado que esconde o poder das fontes oficiais na construção da agenda mediática. O recurso aos populares também faz elevar a participação feminina como fontes de informação, igualando-se, em números absolutos, às citações masculinas. No que diz respeito ao lugar das fontes e a sua identidade, o jornal brasileiro privilegia as fontes nacionais e identificadas.

#### **6.3. – As fontes como geradoras de eventos: uma comparação**

Quando olhamos o resultado da análise da tipologia das fontes do “Correio Popular” e do “Público”, em termos numéricos, temos a tendência a pensar que o jornal brasileiro e o português estão em pólos opostos. Enquanto o jornal português privilegia as fontes oficiais e as institucionais, no brasileiro, os meios de comunicação e as fontes não especializadas são as mais frequentes. Entretanto, se tivermos em conta a finalidade dada a cada fonte de informação requisitada por cada um desses veículos, podemos afirmar que há mais semelhanças que diferenças entre eles.

Vimos que, no “Correio Popular”, os cidadãos comuns e os pacientes têm mais espaço mediático em número de citações e que isso eleva o percentual da participação de fontes não-institucionais e das não-especializadas. No entanto, observamos que, isoladamente, essas fontes não têm peso suficiente para sustentar uma notícia e são como parasitas das fontes oficiais e das institucionalizadas. Ou seja, essas últimas são quem gera os eventos mediáticos, enquanto que as primeiras têm um papel figurativo.

De outra forma: o que as fontes oficiais relatam é sempre matéria publicável (Tuchman, 1991), mas a palavra dos populares precisa de ser validada, pela positiva ou pela negativa, por uma autoridade. Ora, também no “Público” são as fontes oficiais e as especializadas institucionais o que Hall et al., citado por Santos (1997), chamou de “definidores primários”: toda a notícia é fixada em torno do que elas definirem.

Nos dois jornais os meios de comunicação assumem papel de destaque como fontes noticiosas: no jornal português como base para as peças de investigação, no brasileiro, como suporte de duas editorias – Brasil e Mundo – sustentadas unicamente por outros *media*, nomeadamente as agências noticiosas. Em termos percentuais também verificamos uma semelhança: 24,8%, no “Público” e 24,6% no “Correio Popular” (tabela 10).

**Tabela 10 - Semelhança das fontes**

Tipologia das fontes	Jornais	
	“Público” (%)	“Correio Popular” (%)
<b>Oficial</b>	28	21
<b>Meios de Comunicação</b>	25	25
<b>Institucionais</b>	27	16
<b>Não-institucionais</b>	5	14
<b>Outros profissionais</b>	13	22
<b>Assessores</b>	2	2

A principal diferença entre o “Público” e “Correio Popular” está no recurso às fontes não-institucionais, nomeadamente no espaço conquistado pelos populares nos dois jornais. Como já afirmamos, o “Correio Popular” recorre mais vezes aos pacientes como fontes e isso contribui para ampliar o espaço mediático dado às fontes não-institucionais. Enquanto neste os pacientes



representam 11,9% das fontes de informação citadas, no “Público” esse percentual não é maior que 2,1%. Constatamos o mesmo em relação às fontes não-especializadas: no “Correio Popular” os cidadãos comuns representam 13,4% e, no “Público”, 2,5%, do total de fontes citadas.

Os meios de comunicação correspondem a 25% das fontes citadas em cada um dos jornais, mas de formas diferentes. Enquanto no “Público” eles aparecem pulverizados pelas três seções generalistas analisadas, no “Correio Popular” são massivamente concentrados em Brasil e Mundo, onde a relação jornalista e fonte não existe, pois essas editoriais resumem-se no seu editor. Para além disso, o jornal brasileiro praticamente não recorre aos documentos especializados, deixando livre o espaço para as agências noticiosas que não precisam de nenhum esforço para conquistá-lo. No diário português essa batalha é mais evidente, uma vez que os documentos especializados representam 7,4% de todo o escopo analisado neste trabalho.

Os assessores de imprensa têm uma expressão muito reduzida nos dois jornais, em ambos, fixada em 2% do total de fontes analisadas. Entretanto, no “Correio Popular” foi possível perceber que é um recurso bastante utilizado. Em número de fontes citadas por peça, os jornais também são muito semelhantes: o “Correio Popular” citou em média 1,75 fonte por notícia e o “Público” 1,80.

Com relação ao gênero, o fato de o número de fontes de informação do sexo masculino igualar-se ao feminino em número de citações no “Correio Popular” e ser bastante superior no “Público” pode levar-nos novamente a uma leitura equívoca da participação da mulher como fonte nas notícias de saúde. Verificamos que as mulheres são maioria, tanto no jornal brasileiro quanto no português entre os cidadãos comuns. Equivale a dizer, uma vez que já demonstramos que não são estes os definidores primários da notícia, que os homens estão presentes na maioria das peças com menor número de fontes. Neste caso, não seria exagero afirmar que não são “mais uma fonte”, mas “a fonte de informação”.

Com isso, podemos concluir que, independentemente da localização do jornal, as fontes têm um comportamento semelhante na disputa pelo espaço e se assemelham também como valores notícia e definidoras de eventos mediáticos. O que difere é o olhar que cada veículo tem sobre as fontes de informação.

## 7. – Considerações finais

Ao analisar a tipologia das fontes e as temáticas abrangidas pelo jornalismo no campo da saúde, este projeto procurou oferecer uma visão transcontinental da notícia e por meio dela responder à seguinte questão: há muitos ou um único jornalismo de saúde, consoante o país, às particularidades editoriais e a questão econômica de cada meio de comunicação?

O trabalho nos permite encontrar não apenas uma mais várias respostas. Se consideramos as temáticas, podemos afirmar que existe apenas um jornalismo de saúde, se nos fixarmos na percepção dos jornalistas sobre esses temas, a tendência é dizer que há mais de um. E, se tivermos em conta as fontes de informação, a resposta é ambígua.

Sob a perspectiva dos temas, notamos uma tendência à standardização dos *media*, no sentido em que, cada vez mais, se parecem uns com outros. Um pouco influenciados pelo mercado, como refere Bordieu (1997), onde a concorrência e audiência definem o que é notícia para além do acontecimento em si.

Vimos que tanto o “Público” quanto o “Correio Popular” focam as temáticas políticas e das patologias, que raramente são transformadas em reportagens, consolidando um caráter secundário do noticiário de saúde. Os *hard news* (Hodgetts et al., 2007) ocupam a maior parte do espaço já reduzido dessas matérias.

No entanto, enquanto o “Público” procura, por meio de suas peças, transmitir a ideia de um jornal politizado e elitizado, o “Correio Popular” tende ao jornalismo explicativo e popular. Quer isso dizer que, mesmo com temáticas idênticas, os jornais podem ser diferentes na maneira como transmitem a informação, pois no processo de transformação do acontecimento em notícia acumulam-se pressões de todas as ordens.

Ao encararmos as fontes de informação como os atores sociais, identificamos discrepâncias, sobretudo nas questões de gênero e de estatuto, entre o jornal português e o brasileiro, principalmente na valorização da voz dos populares encontrada no segundo e da massiva participação masculina, no primeiro. Mas enquanto definidoras de notícias, as fontes oficiais e institucionais selam uma igualdade entre eles. E, por fim, aquilo que, de fato, marca esta pesquisa é a percepção de como os meios de comunicação influenciam-se uns aos outros não apenas como concorrentes, mas como fontes de informação: nos dois jornais, eles representam um quarto das citações. Por outras palavras, analisado superficialmente, o recurso às fontes de informação propõe dois jornalismos de saúde distintos, e em profundidade, emerge apenas um.



## Bibliografia

Aubernas & Benassayag, 1999

Bordieu, P. (1997). *Sobre a televisão*. Oeiras: Celta Editora.

Bueno da Costa, W. (s/d). Portal do Jornalismo Científico. Acedido em 20-08-2008, 2008. Disponível em <http://www.jornalismocientifico.com.br/>

Clark, F., & Illman, D. L. (2006). A longitudinal study of the New York Times Science Times Section. *Science Communication*, 27(4), 496-513.

Favereau, É. (2005). Le journalisme, de l'information médicale à l'information santé. *Sève, hiver* (9), 21-26.

Ferrareto, E. K. (2006). *Do universo científico ao senso comum: estratégias comunicativas e representações na cobertura sobre saúde do Diário Gaúcho*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Ferris, J. E. (2003). Parallel discourses and "appropriate" bodies: media constructions of anorexia and obesity in the cases of Tracey Gold and Carnie Wilson. *Journal of Communication Inquiry*, 27(3), 256-273.

Fidalgo, J. (2000). A questão das fontes nos códigos deontológicos dos jornalistas. *Comunicação e Sociedade* 2, 14(1-2), 319-337.

Gradim, A. (ed.). (2000). *Manual de Jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela2-manual-jornalismo-6.html>, acedido em 19-02-2009

Harper, D. (2001). The Online Etymology Dictionary. Disponível em <http://www.etymonline.com/index.php?search+=journalism&searchmode=none>. Acedido em 19-02-2009

Hijmans, E. et al. (2003). Covering scientific research in Dutch newspapers. *Science Communication*, 25(2), 153-176.

Hodgetts, D. et al. (2007). Constructing health news: possibilities for a civic-oriented journalism. *Health*, 12(1), 43-66.

Johnson, T. (1998). Medicine and the media. *New England Journal of Medicine*, 339(2), 87-92.

Lopes, F. (2008). A televisão como (re) produtora de um acervo de conhecimentos. In *A TV do real – a televisão e espaço público*. Coimbra: Minerva (pp. 45-55).

- Kapitz, C. (2004). *Figures et enjeux de l'éthique dans l'actualité scientifique de la presse quotidienne*. Artigo apresentado em The Sciences, Médias et Société. Disponível em [http://sciences-medias.ens-lsh.fr/article.php3?id\\_article=64](http://sciences-medias.ens-lsh.fr/article.php3?id_article=64)
- Kitch, C. (2008). Placing journalism inside memory -- and memory studies. *Memory Studies*, 1(3), 311-320.
- Kiernan, V. (1997). Ingelfinger, embargoes, and other controls on the dissemination of science news. *Science Communication*, 18(4), 297-319
- Kiernan, V. (2003). Diffusion of news about research. *Science Communication*, 25(1), 3-13.
- Kiousis, S., & McCombs, M. (2004). Agenda-setting effects and attitude strength: political figures during the 1996 Presidential Election. *Communication Research*, 31(1), 36-57.
- Kiousis, S., & McDevitt, M. (2008). Agenda-setting in civic development: effects of curricula and issue importance on youth voter turnout. *Communication Research* 35(4), 481-502.
- Morton, T. A., & Duck, J. M. (2001). Communication and health beliefs: mass and interpersonal influences on perceptions of risk to self and others. *Communication Research*, 28(5), 602-626.
- Mussell, J. (2007). Nineteenth-century popular science magazines. *Journalism Studies*, 8(4), 656-666.
- Nelkin, D. (1996). An uneasy relationship: the tensions between medicine and the media. *Lancet*, 8, 1600-1603.
- Niederdeppe, J. et al. (2007). Newspaper Coverage as Indirect Effects of a Health Communication Intervention: The Florida Tobacco Control Program and youth smoking. *Communication Research*, 34(4), 382-405.
- Noelle-Neumann, E. (Ed.). (1993). *The spiral of silence: public opinion, our social skin* (2nd ed.). Chicago: University of Chicago Press.
- Pellechia, M. G. (1997). Trends in science coverage: a content analysis of three US newspapers. *Public Understanding of Science*, 6(1), 49-68.
- Pinto, M. (2004). *Ventos cruzados sobre o campo jornalístico. Percepções de profissionais sobre as mudanças em curso*. Actas do II Encontro Ibérico de Ciências da Comunicação Universidade da Beira Interior.

- Ran, W. et al. (2008). Third-person effects of health news: exploring the relationships among media exposure, presumed media influence, and behavioral intentions. *American Behavioral Scientist*, 52(2), 261-277.
- Reis, F. J. E. (2005). *Comunicando as ciências ao público. As ciências nos periódicos portugueses de finais do séc. XVIII e princípios do séc. XIX*. Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Congresso Ibérico.
- Rossi, C. (1991). *O que é jornalismo* (9ª ed.). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Santana, A. (2007). *Jornalismo sem Conflito: a 'cordialidade' e a acomodação na atividade jornalística*. Artigo apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom.
- Santos, R. (1997). *A negociação entre jornalistas e fontes*. Coimbra: Minerva.
- Santos, R. (2006). *A fonte não quis revelar* (1ª ed.). Porto: Campo das Letras.
- Shuchman, M., & Wilkes, M. S. (1997). Medical scientists and health news reporting: a case of miscommunication. *Annals of Internal Medicine*, 126(12), 976-982.
- Schwitzer, G. (2008). How do US journalists cover treatments, tests, products, and procedures? An evaluation of 500 stories. *Plos Medicine*, 5(5), 700-704.
- Slater, M. D. et al. (2007). Examining the moderating and mediating roles of news exposure and attention on adolescent judgments of alcohol-related risks. *Communication Research*, 34(4), 355-381.
- Tanner, A. H. (2004). Agenda building, source selection, and health news at local television stations: a nationwide survey of local television health reporters. *Science Communication*, 25, 350-363.
- Traverso-Yépez, M. A. (2007). Dilemas na promoção da saúde no Brasil: reflexões em torno da política nacional. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11, 223-238.
- Veras Júnior, J. S. (2005). *Da informação ao conhecimento: o jornalismo científico na contemporaneidade*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte.



## **ANEXO: Diário de estágio**

Durante os três meses que estagiei no “Correio Popular”, em Campinas, no Estado de São Paulo, anotei impressões, informações e algumas entrevistas que realizei informalmente com jornalistas e editores do jornal. Abaixo, um resumo dos dias que julguei mais produtivos, seja pelas lições aprendidas seja pela movimentação na redação.

### **Refém da fonte (13-10-2008)**

A chefia de reportagem acaba de retirar uma pauta do Jornal da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e entregá-la ao repórter de cidades, Fábio Galacci. Ele não é um setorista de saúde, mas hoje foi escolhido para fazer uma matéria sobre uma pesquisa sobre colesterol e triglicérides em crianças e adolescentes, realizada pelo Departamento de Patologia Clínica, do HC (Hospital de Clínicas) da Unicamp. A setorista de saúde está em férias.

Para o repórter, indicado para prêmios importantes no jornalismo brasileiro e vencedor do Esso 2007, não há segredo. “A base da reportagem é igual: temos de ouvir as partes envolvidas”, diz. Neste caso, as partes são a professora autora da pesquisa, a colaboradora do trabalho e dois ou três pacientes ou familiares.

Galacci espera conseguir os pacientes por meio de indicação da colaboradora. Embora sejam essas as principais personagens da notícia, o primeiro passo do repórter é telefonar para a assessoria de imprensa do HC, tentar perceber melhor a história que já leu no jornal da Unicamp e conseguir o contato direto com a autora do trabalho.

Enquanto agenda as entrevistas, que devem ocorrer hoje porque o jornal é diário, o jornalista pensa em outras duas ou três peças, de temas diversos para a semana. Essas duas pautas que lhe chegaram às mãos podem esperar mais para serem feitas porque são peças para serem editadas para o final de semana.

O jornalista fica extremamente condicionado ao horário da fonte. A pesquisadora não consegue encontrar horário para falar com ele. Ele se preocupa com o tempo, mas apenas pela questão do *deadline*. Ele não teme não ser especialista porque, segundo Gallaci, o segredo é “não interpretar para não cair em armadilhas.”



A meio da tarde a história tem grandes chances de ganhar uma chamada na capa, porque, além de ter como fonte uma pesquisadora da Unicamp, envolve crianças. Mas o tempo é escasso. Galacci consegue falar com a pesquisadora, mas é tarde demais. A peça não vai entrar na edição de amanhã.

### **Rotatividade na redação (14-10-2008)**

O jornalista Fabiano Ormanzeze começa a preparar material para o final de semana. A reportagem é especial e vai contar situações limites vividas por profissionais de saúde. Nesse caso, eles não serão entrevistados para falar de saúde, mas como cidadãos comuns enquanto profissionais da área.

Outro repórter, Venceslau Borlina Filho, prepara uma peça sobre dengue. A função dele é regionalizar uma pauta nacional. Novamente, o primeiro contato é com a assessoria de imprensa. A ideia é mostrar o empenho do governo no controle da doença e, por esse motivo, Borlina Filho disse que não teria problemas em conseguir os dados, mesmo não sendo o setorista em saúde. “Interessa ao governo divulgar a campanha nacional contra a dengue”, pondera. Além disso, para Borlina Filho “o jornalista é um especialista em generalidades”.

Um dos chefes de reportagem, Aristóteles Nunes, diz ver com alguma desconfiança a setorização. Para Nunes há prós e contras. Na primeira hipótese, o repórter que cobre sempre a mesma área forma um *hall* de fontes; na segunda, sendo setorizado, não vê novidades no setor. Para não se acomodarem em uma única área e dar rotatividade à fonte, o jornal incentiva a rotatividade dos repórteres nas áreas de cobertura.

Para além disso, as informações que dão origem à pauta e que mais tarde podem transformar-se em notícia nem sempre vêm da seção na qual a notícia será publicada. A peça sobre a dengue, por exemplo, surgiu de um trecho de um *press release*, durante a edição, na seção Brasil.

### **Omissão das fontes (15-10-2008)**

Ao ler a reportagem sobre a dengue publicada na edição de hoje pode-se tirar duas lições:

1. Nem sempre as fontes utilizadas para a composição da notícia aparecem explicitadas no texto;

2. Há, ainda, informações que o repórter omite sobre a fonte, por achar desnecessárias, como o lugar da fonte ou a profissão dela, se for o caso dela fazer parte da diretoria de uma instituição.

### **Familiaridade com o assunto (17-10-2008)**

Pela primeira vez, nessa semana, um repórter vai a campo. A história é o fechamento de um dos principais parques da cidade devido à suspeita de morte por febre maculosa. Essa doença é transmitida por uma espécie de carrapato cujas principais hospedeiras são as capivaras. O parque é um dos habitats desse animal e, portanto, deveria ser fechado até que a Secretaria de Saúde resolvesse o que fazer das capivaras. Desta vez, quem vai fazer a reportagem *in loco* é a jornalista Juliana Facchin. Ela também não é setorista, mas conhece o assunto, o que facilita a cobertura. A discussão com a chefia de reportagem sobre como proceder na elaboração da matéria também é um facilitador. A maior parte dos repórteres discute com o chefe de reportagem o ângulo da notícia antes de começar a escrevê-la.

São 16 horas. Todos os editores estão reunidos numa sala para a reunião de pauta. Nessa altura se discute com a editora da capa quais as peças de cada editoria e o potencial para terem ou não chamada na capa do jornal. A parte mais longa da reunião fica por conta da descrição das notícias que vão compor o caderno de Cidades (o Primeiro Caderno). Há três notícias de saúde – febre maculosa, rubéola e sobre uma unidade de odontologia no hospital Mário Gatti – mas o editor não lhes dá grande ênfase.

Como é sexta-feira, o dia será mais longo para alguns repórteres e editores. Nesse dia também se definem as notícias que vão compor o jornal do final de semana e da segunda-feira. Haverá uma equipe de plantão amanhã e domingo, mas os jornais desses três dias tem de estar praticamente definidos.

### **“Eles querem aparecer” (20-10-2008)**

A setorista de saúde, Delma Medeiros, regressa à redação. Com a ajuda dela, é possível perceber um pouco mais dos bastidores das notícias nesse campo.

Das percepções da semana podemos dizer que:

1. As fontes de informação também indicam outras fontes; são, às vezes, um meio de conseguir personagens (pessoas-tipo) de histórias muito peculiares;
2. As pautas de saúde não de exclusividade dos setoristas;
3. É imprescindível, numa peça de saúde que faça, por exemplo, o retrato de uma doença, a prevenção, acessos a tratamentos ou negligência, a presença de pessoas que viveram ou vivem a situação, para as quais se utiliza o jargão “personagens”;
4. Quanto mais específica for a doença ou constrangedora – leia-se AIDS, disfunção erétil, obesidade infantil – mais difícil contactar um personagem;
5. A classe médica é a mais fácil de consultar para uma reportagem. “Eles querem aparecer”.

### **O repórter e o editor (21-10-2008)**

Campinas busca plano metropolitano de saúde. Esse era o assunto do dia, cuja execução está sob a responsabilidade da setorista Delma. Ela diz que deve ter material para escrever um “abre” (notícia que encabeça a página de um jornal) com no máximo 3.000 caracteres. Se passar disso, será preciso desdobrar o texto.

O *lead* da matéria foi discutido em conjunto com o editor, que ajudou a jornalista a definir o “rumo” da notícia.

Todo o repórter sente-se obrigado a procurar personagens para as histórias que serão publicadas. Há dois principais motivos:

1. Deixa a história mais bem contada, mais “acabada”;
2. Evita o conflito com os editores, que dão preferência às notícias recheadas com testemunhas da situação tratada.

Em que situação o cidadão comum pode contribuir para dar mais ênfase às notícias de um jornal de referência? Qual é sua participação efetiva?

Para o Toti (um dos chefes de reportagem), “a história só faz sentido se tem alguém que sente o problema (que é descrito na peça pelo jornalista)”.

### ***Press releases, agências e assessorias (23-10-2008)***

Hoje é daqueles dias improdutivos. Há dias em que o repórter reforça o contato com as fontes e, mesmo assim, nenhuma peça resulta do esforço.

Nota-se que há uma tendência do repórter entrar em contato permanentemente com a assessoria de imprensa, mas esta acaba por não aparecer na notícia.

Delma está mais livre e pode falar um pouco mais do seu trabalho. Há sete anos ela cobre a área de saúde. Para ela, não há como se especializar nesse assunto. É preciso ter uma visão geral. “Conversar com a fonte como se nunca tivesse ouvido falar no assunto (que será transformado em notícia) e perguntar detalhes pode ajudar a compor uma matéria esclarecedora”, diz a setorista.

Também tive tempo de trocar algumas palavras com o editor de Mundo, Paulo Martinelli. Tenho notado, com a leitura diária do jornal, que quase não há notícias de saúde nessa seção. Martinelli esclarece que, pelo número de páginas que tem para colocar o que mais importante ocorre no noticiário internacional, a saúde acaba por ficar em segundo plano. É mais comum se forem assuntos que interessem a grande parcela da população, como as novas descobertas de tratamentos químicos ou pesquisas. Nesses casos, o câncer e a AIDS são sempre notícia.

Segundo ele, as notícias de saúde publicadas em Mundo são oriundas de agências de informação assinadas pelo “Correio Popular”. No caso da seção que ele edita, a agência noticiosa é a France Presse. Um editor de Mundo precisa ter uma boa noção de história. Ele diz que ainda não encontrou uma pessoa que mapeasse um critério de edição. Além disso, defende que a imparcialidade não existe. “É preciso pesar tudo”.

### ***Acesso às fontes de informação (27-10-2008)***

Apesar do feriado do funcionalismo público, a setorista de saúde está hoje com duas peças para redigir. A primeira dela diz respeito à incorporação de práticas alternativas da medicina na rede pública municipal. A segunda, que em princípio não deve merecer tanto destaque, é sobre a pequena procura masculina para a cura da sífilis.

Para a primeira matéria já existe personagem e já foi entrevistada. Mas a segunda peça não deve contar com esse tipo de fonte de informação, uma vez que trata de tema delicado e constrangedor para o paciente. Noto novamente que, para as duas peças, o primeiro contato é a

assessoria de imprensa. Qual o papel da assessoria de imprensa como fonte de informação para a cobertura jornalística?

Delma diz que o contato com a assessoria é quase obrigatório quando se quer ter acesso a uma fonte oficial. “A fonte oficial, muitas vezes, pede para entrarmos em contato com a assessoria. Então, o fazemos antes, para evitar não sermos atendidos”, diz a jornalista.

No caso da Prefeitura Municipal (Câmara Municipal, em Portugal) e alguns órgãos estaduais, a assessoria de imprensa funciona como uma ponte para a fonte de informação.

No entanto, quanto mais alto é o escalão que a fonte ocupa no governo, maior a dificuldade de a contatar diretamente. Assim, a assessoria acaba sendo a principal fonte de informação. Delma conta que já houve casos de estar frente-a-frente com a fonte oficial e ter a informação negada, alegando falta de autorização.

### **A missão dos jornalistas (29-10-2008)**

Hoje, durante a visita ao Cedoc (Centro de Documentação) para analisar as peças de arquivo, aproveitei para falar informalmente com a responsável pela retrospectiva. Rose Olivo é a responsável por condensar o conteúdo mais importante do jornal no decorrer do ano em algumas páginas no final de cada ano. São duas semanas de trabalho intensivo. Mas parte dessa missão é cumprida no dia-a-dia.

Rose conta que as notícias de saúde estão sempre presentes na retrospectiva se se tratar de novas descobertas no campo da medicina, cirurgias inéditas, como foi o caso de um alemão que teve as duas mãos transplantadas num única intervenção, legislação sobre saúde e peças que mostrem a participação de brasileiros em pesquisas internacionais.

Também hoje conversei com o repórter especial Rogério Verzignasse. Aos 43 anos, ele já cobriu muitas histórias, inclusivamente as de saúde. Como é repórter especial não tem necessariamente que trabalhar para este ou aquele caderno: escreve para qualquer seção do jornal. Algumas lições que tirou ao longo de sua carreira, primeiro no “Diário do Povo” e, depois, no “Correio Popular”:

1. O jornalista tem uma missão: servir o semelhante;
2. Tentar se especializar em tudo, ou seja, se esforçar para saber muito sobre tudo o que faz;
3. A internet pode ajudar a dar mais qualidade ao jornalismo;

4. Tentar manter uma relação saudável com a fonte de informação; a experiência do repórter é que filtra a fonte de informação;
5. Com habilidade, é preciso saber que o jogo das fontes não é de interesse coletivo;
6. O jornalista não pode ignorar a sabedoria popular;
7. Cobrir saúde exige mais talento dos especialistas, que precisam aprender a falar para os leigos;
8. Cobrir peças que tem como principal motivo a prevenção e as situações de risco para a saúde pública é nossa obrigação.

Ele também disse acreditar que as notícias mais lidas são aquelas que tratam da vida de pessoas comuns.

### **O personagem (04-11-2008)**

Ontem a notícia sobre dengue foi manchete principal. Depois de um mês no jornal, essa é a primeira vez que vejo uma peça de saúde com essa visibilidade.

Por vezes, o repórter começa uma investigação sem saber se pode culminar numa reportagem ou numa peça de interesse para o jornal.

A questão do personagem (aquele que testemunha ou vivencia a história) no “Correio Popular” é muito forte. A setorista Delma Medeiros já deixou de publicar uma notícia só porque não encontrou nenhum testemunho. Ela faz uma observação que não deixa de ser interessante: “Quando a fonte especializada quer aparecer no jornal, até faz um esforço para conseguir uma outra fonte que tenha testemunhado o fato ou tenha sido o seu protagonista”.

### **Grupos de pressão (05-11-2008)**

A setorista de saúde foi requisitada para uma reportagem sobre meio ambiente. Durante esta semana, as notícias de saúde vão ficar em segundo plano porque ela tem de se concentrar no que será uma reportagem especial.

Vai ter mesmo de selecionar muito bem os mais de cem e-mails que recebe por dia. Ela diz, de antemão, que mais de 80% das correspondências que aparecem na sua caixa de correio

eletrônico não têm valor de notícia. O que mais me chamou a atenção é que ela disse que as associações e sociedades, que, no meu entendimento, deveriam funcionar como grupos de pressão, raramente rendem uma notícia. Normalmente são de interesses muito específicos e acabam por gerar apenas notas ou agendas.

### **O caderno Brasil (06-11-2008)**

Entrevistei o editor da seção de Brasil. Guilherme Busch, 40 anos, mostra como edita as dezenas de textos que lhe chegam às mãos via internet ou e-mail, oriundas das agências noticiosas assinadas pela RAC (Rede Anhangüera de Comunicação). As agências mais utilizadas por Busch são Folhapress (do grupo Folha) e Agência Estado (do grupo Estado). Há também a agência Brasil, mas que, por ser uma agência noticiosa do governo federal, é frequentemente evitada, por conter uma única visão sobre os assuntos: a do governo.

Ele verifica e lê, vezes sem conta, os títulos que vão sendo disponibilizados pelas duas agências. Para a reunião de pauta, que acontece às 16 horas, ele tem sempre um esboço com as notícias que considerou mais importantes naquele dia, mas somente ao final da tarde é que tudo fica definido.

Para se orientar sobre o material recebido pela agência, o editor ainda consulta outros *websites* de informação, tais como: Cosmo, UOL, Terra e G1.

O caderno Brasil tem também a função de fazer uma fusão com o principal caderno. Quando surgem pautas em que os assuntos são passíveis de regionalizar, essas pautas são encaminhadas para a editoria de Cidades.

No caderno Brasil, os assuntos de política são privilegiados: ocupam cerca de 2/3 das páginas. Ele diz que as peças com maior número de fontes de informação são preferidas em detrimento das de menor número. Ocorre, também, aglutinar informações de uma e de outra agência, reescrevendo a peça.

Nesse dia, durante a reunião de pauta, a saúde foi um dos últimos assuntos escolhidos pelo editor. Antes falou-se de política, polícia, justiça e educação.

## **Doenças em foco (07-11-2008)**

Mais uma entrevista importante. Uma das editoras de Cidades, Adriana Villar, dá a sua visão de jornalismo, fala da importância das fontes e do trabalho com os repórteres. Ela é a principal responsável pelas peças de final de semana, apesar de fazer o fechamento durante a semana também.

Adriana diz que muitas sugestões chegam por e-mail. As fontes de informação mais comuns, nestes casos, são os laboratórios clínicos e farmacêuticos, as assessorias de imprensa e o governo. Mas algumas notícias são resultados da experiência de vida do repórter ou do editor, de situações cotidianas. Doenças como Alzheimer, síndrome do pânico, depressão são temas que têm aparecido com frequência, afirma.

Em 2007, Adriana Villar foi premiada pelo IBCC (Instituto Brasileiro de Controle do Câncer), como editora destaque do ano por ter publicado o maior número de peças referentes ao câncer.

Não há segredos no jornalismo para essa editora. Villar também não avalia as peças pelo número de fontes de informação que elas contêm, embora reconheça que, quanto maior ele for, mais credibilidade terá a notícia. Para ela, a acuidade do texto é muito importante. No conceito de Adriana, as peças mais polêmicas e de denúncia são as que exigem maior número de fontes de informação.

Para as edições especiais (sábado, domingo e segunda-feira), as manchetes são pensadas ao longo da semana. O trabalho do editor, além de encaminhar pautas para a chefia de reportagem que depois as redistribui para os jornalistas, também é o de manter um diálogo com os repórteres afim de obter deles o melhor retorno para edição.

Adriana diz que há sempre material de saúde no final de semana. Por coincidência no dia em que a entrevisto há quatro. Os temas são bastante variados: hepatite, vitaminas, reprodução assistida e câncer de mama. Noto que não é preciso que haja um tempo definido. Muitas vezes, basta levantar o problema, para que um assunto adormecido passe a fazer parte da agenda novamente.

É interessante perceber a existência de uma aversão relativamente à especialização do jornalista. O que eles defendem é uma setorização flexível. A especialização é vista como algo que cega o jornalista e vicia o texto.



Enquanto repórter do antigo “Diário do Povo”, diz já ter feito muitas peças de saúde, mas nunca foi setorizada nessa área. “Quem não é da área, vê o assunto com mais curiosidade e enxerga pontos novos. A setorização faz-nos assumir alguns jargões. Um assunto torna-se tão natural que deixamos de escrever para os leigos”.

Outro assunto de conversa foi o modo como o material de final de semana deve ser preparado. “As matérias de domingo são de mais leitura e o texto deve ser mais trabalhado. As pautas e a diagramação das peças no jornal também recebem tratamento especial.” Mas Adriana não esquece que tudo gira em torno do mercado. Quando o número de páginas com anúncio aumenta, o inverso ocorre com as peças jornalísticas. Para finalizar o assunto final de semana, a editora lembra que o material começa a ser editado às quintas-feiras e que existe, sim, uma maior demanda por temas de saúde, educação e sociedade.

### **O olhar da fonte (10-11-2008)**

Vou a campo pela primeira vez. Hoje faremos uma matéria sobre saúde pública. Vamos investigar *in loco* a presença de escorpiões numa região de Campinas. Falo com o presidente do IDESC (Instituto de Desenvolvimento do Sudoeste de Campinas), representante dos comerciantes e moradores da região sudoeste de Campinas, Flávio Costa.

É ele quem faz a maior parte das sugestões de pauta que envolvem assuntos dos mais variados ligados àquela região. Diz ter um relacionamento intenso com a imprensa. “Conheço os jornalistas responsáveis de cada seção. Quando o assunto é RMC [Região Metropolitana de Campinas], peço para falar com a Teresa Costa; quando é saúde, é a Delma; economia, Adriana.”

Embora tenha os contatos jornalísticos, prefere não ser citado nas notícias. Mas não deixa de indicar as fontes de informações que considera relevantes. Além do “Correio Popular”, mantém contato com outros veículos da região. “O bom relacionamento com a imprensa é essencial no contexto social no qual estamos inseridos. As respostas às necessidades da população por parte dos governos são mais ágeis quando a comunicação está presente”.

Para Flávio Costa, o contato com os jornalistas amplia as condições de mediação com os poderes.

### **Os *websites* como fontes de informação (12-11-2008)**

A setorista de saúde vai hoje escrever uma matéria sobre a ampliação do Hospital Albert Einstein e também uma sobre moda. A peça sobre o aniversário de um hospital privado sugerida ontem é claramente tratada pela jornalista como uma imposição da diretoria. Há muitas matérias na saúde que são impostas pela chefia ou pela diretoria, confessa a jornalista. Esses temas, no entanto, são mais fáceis de cobrir, pois não são necessárias muitas fontes de informação. Além disso, o presidente da instituição está sempre disposto a falar nesses casos.

Para a notícia sobre moda, Delma saiu hoje de manhã para falar com a miss Campinas e candidata a miss por São Paulo. Para a notícia do hospital, a assessoria de imprensa coloca a jornalista para falar diretamente com o presidente da instituição.

Tenho observado que os *websites* de informação são frequentemente consultados, mas não são citados como fontes. Muitas vezes nem são visitados para obter informação, apenas inspiração.

### **Hierarquia em xeque (13-11-2008)**

Há dias com excesso de material, como hoje. Há, pelo menos, três informações importantes e que merecem ser destacadas no setor de saúde. Vai ser preciso optar por uma delas. A jornalista decide fazer todas e colocar no editor aquela que ficar pronta primeiro. O tempo acaba por ser o primeiro critério de edição. Esse foi o critério prévio de edição e tem sido assim durante meu estágio aqui. Não há tempo, infelizmente, para trabalhar todas as pautas.

Também vale salientar, hoje, que as peças são feitas a partir da redação do jornal. Raras vezes vai-se às ruas, a campo. Mesmo os personagens, muitos deles são conseguidos com a ajuda da assessoria de imprensa da instituição ou órgão que será retratado na notícia.

### **O embargo editorial (18-11-2008)**

A matéria de capa do caderno Brasil de hoje não foi uma decisão do editor da seção, mas do jornal. O caso do juiz De Sanctis foi capa em todos os jornais de referência do país mas, no “Correio Popular”, acabou saindo na página 2. Embora não seja uma matéria de saúde é importante verificar casos em que a linha editorial do jornal pesa mais que a notícia em si. Outra inter-

ferência ocorreu na escolha de uma notícia sobre erro médico para a capa do caderno, mas como o assunto já tinha aparecido na edição do jornal do dia anterior, a direção do jornal preferiu desvalorizar o tema, uma vez que o veículo circula no meio médico e publicar duas matérias sobre erro médico, em dias consecutivos, poderia parecer uma política do jornal.

### **A primeira página (21-11-2008)**

Ontem, a setorista de saúde foi destacada para cobrir a visita do novo embaixador do Reino Unido no Brasil. Se houvesse alguma pauta de saúde, teria de ser realizada por outro jornalista. Hoje, acompanho o trabalho da editora da primeira página Zezé de Lima. As capas são definidas entre ela e o editor executivo, Marcelo Pereira, que, posteriormente, as discute com o diretor do jornal, Nelson Homem de Melo. Mas hoje Pereira está ausente e eu tenho a chance de acompanhar o fechamento diretamente com o Nelson.

Antes que os principais assuntos do dia se transformem nas principais notícias do jornal, os editores de todas as secções do jornal já informaram, em reunião de pauta, o material que têm. Zezé está cheia de trabalho hoje. É feriado e, com a redação reduzida, também ajuda no fecho das outras páginas do jornal. Faz alterações nos textos dos repórteres, sem alterar o conteúdo, mas adequando-o às regras do jornal.

Para o fechamento da primeira página, o diretor dispõe daquelas que foram consideradas as melhores fotos, em diversos cortes, para que caibam em qualquer *layout*. O programa é Hermes, que além de oferecer 20 ideias de desenho para a capa, também permite intervenções online.

Com os principais assuntos discutidos com a editora da primeira página, é o diretor do jornal, que já tem um roteiro das principais notícias em mãos, quem define a maior parte dos títulos, embora não seja estanque: as sugestões são aceitas. A precisão dos títulos é importante. Mas o que chama a minha atenção é que a diagramação do jornal é pensada ao pormenor para atingir os leitores. Um exemplo é o destaque dado a uma fotografia que mostrava um pássaro que tinha feito seu ninho na coroa de uma santa. Para os compradores do jornal em banca, o facto e contraste das cores na foto era, visivelmente para o diretor, certeza de jornais vendidos.

### **Reportagem especial (24-11-2008)**

Durante esta semana o jornalista Fabiano Ormaneze vai preparar uma reportagem especial sobre viver com AIDS. Vou tentar acompanhá-lo durante a realização do seu trabalho. Ele não é especializado em saúde, mas neste caso a especialização não é exigida, porque pretende retratar a vida dos pacientes com AIDS. Mostrar, na realidade, o comportamento deles diante da sociedade que os discrimina. Ele diz que o assunto a doença não é novo e que a peça foi pensada para ser publicada por ocasião do Dia Mundial da Luta contra a AIDS.

O primeiro passo do Fabiano foi entrar em contato com associações conhecidas por tratar de doentes com AIDS. Por meio dessas instituições, ele espera encontrar as pessoas portadoras do HIV, as quais pretende entrevistar. Ele diz ter cuidado para que a entidade que o colocará em contato com o seu entrevistado não defina o rumo que quer dar à reportagem.

### **Vazamento de informação (25-11-2008)**

O secretário estadual da Saúde visita o hospital Celso Pierro, sem avisar a imprensa. A assessoria dele não divulgou para a imprensa, mas o bom relacionamento da setorista de saúde do “Correio Popular” com a assessoria do hospital permitiu que ela o surpreendesse durante a visita. Infelizmente a informação da assessoria do hospital foi divulgada num blogue da redação e impediu uma exclusiva. Os canais de televisão apareceram para dar cobertura ao acontecimento, antes secreto. Duas lições podem ser percebidas nessa situação:

- 1) o vazamento de informações;
- 2) a vantagem de manter um bom relacionamento com a fonte.

### **Anonimato (27-11-2008)**

Fabiano conclui as entrevistas com pessoas que vivem com AIDS. Apesar de não ter encontrado dificuldade para encontrar os personagens para a sua história, apenas uma das cinco pessoas entrevistadas aceitou ser identificada na reportagem. Para os outros, ele usará um nome fictício. Normalmente, pacientes com alguma doença que consideram vexatória preferem não se identificar ou ficar sob o anonimato. Também acontece com fontes políticas, mas não é caso de hoje.

A facilidade de encontrar pessoas que vivem com o HIV deve, segundo o repórter, porque “a AIDS é uma doença de notificação compulsória, diferente da hepatite, por exemplo”, diz mostrando algum conhecimento no campo da saúde.

### **Jornalismo literário (28-11-2008)**

A reportagem de Fabiano tem de estar pronta hoje, sexta-feira. Durante uma semana ele se encarregou de entrevistar especialistas, ler sobre a doença, principalmente em *websites*, de coletar dados oficiais, também online. Para ele, o mais importante é a história de cada pessoa. Diz que prefere colocar o personagem no centro da reportagem, fazer o que ele chama de jornalismo literário. “A história de vida é um ponto de partida” para descrever a doença e sua complexidade.

Enquanto escreve, além das entrevistas e dos dados que coletou também em *websites* oficiais, vai adicionando um pouco de sua experiência de vida, conhecimentos que foi adquirindo ao longo da vida e da carreira de jornalista. Aqui, existe uma nota importante:

1. os *websites* que nunca aparecem nas peças são frequentemente consultados, mesmo que seja apenas para confirmar uma informação que já é de conhecimento do repórter.

### **A construção da notícia (01-12-2008)**

Dia Mundial da Luta contra a AIDS. Depois de páginas inteiras sobre o assunto no jornal, o tema ainda permanece na pauta. O desafio do jornalista hoje é reunir todas as informações sobre a AIDS, a maior parte delas recebidas na caixa de correio eletrônico. Antes, porém, foi preciso verificar quais das informações eram mais importante para, depois, reuni-las numa única peça informativa. Delma não fica por aí. Faz alguns telefonemas para encontrar o melhor *lead*. Na peça que será publicada amanhã, a setorista faz prova de sua especialidade e consegue driblar o trivial: vai noticiar o decréscimo da transmissão vertical (de mãe para filho, durante o nascimento) da AIDS.

Delma também investe numa matéria sobre micobactéria, assunto sobre o qual vem se dedicando nos últimos dias. Ela já publicou informações sobre o número de contaminados em Campinas, mas luta para conseguir uma pessoa que tenha passado pelo problema. Não é fácil encontrar alguém disposto a falar que foi apanhado por uma bactéria durante uma cirurgia estéti-

ca. Mas, como ela conseguiu, vai tentar garantir mais um espaço no jornal para a história. Mais uma vez, a fonte pede anonimato. Delma acredita que, mesmo quando o nome do paciente não é citado, a peça em que há pessoas falando sobre sua experiência é mais autêntica, verdadeira.

### **O gênero das fontes (02-12-2008)**

A redação está calma, mas os jornalistas e os editores já começam a planejar como serão os dias de feriado devido a aproximação do Natal e do Ano Novo. Aproveito para colocar numa base de dados eletrônica os dados que venho coletando diariamente no jornal, com a classificação das peças publicadas sobre saúde.

Apercebo-me, durante uma primeira análise, uma pequena dominância das fontes femininas. Mas são ainda três meses e os dados ainda não são definitivos.

### **Redação enxuta (03-12-2008)**

Delma sai mais uma vez da redação, mas não vai atrás de informações sobre saúde, como seria de esperar de um setorista. Vai, antes, cobrir a visita do ministro das Comunicações, Hélio Costa. Ela reconhece que a questão mercadológica afeta a produção jornalística. A falta de repórter, por exemplo, acaba por colocar nas mãos dos setoristas pautas que fogem a sua especialidade, como no caso que cobriu hoje, sobre televisão digital.

Mesmo com o dia cheio, a jornalista consegue encontrar tempo para seguir com a reportagem da micobactéria. Há uns dias ela conseguiu uma pessoa que aceitou falar sobre o problema na condição de anonimato e, por esse motivo, continua a investir na história.

### **Lixo eletrônico ou subjetividade? (05-12-2008)**

Chegam à redação diariamente centenas de e-mails, seja nas caixas dos chefes de reportagem, seja na dos repórteres. É natural, em se tratando de um jornal de referência e sem concorrência direta na cidade.

Entre as mensagens muitas vezes descartadas pela jornalista estão as que informam sobre congressos médicos, reuniões de associações e sindicatos, laboratórios de análises clínicas e far-

macêuticos e, até, Dias Mundiais. Os congressos, normalmente, são noticiados apenas como agenda (apenas o *lead*).

Delma disse acreditar que essas pautas não servem à maior parte do público do “Correio Popular”, atingindo apenas uma pequena parcela de leitores: grupo de médicos e não toda a classe, alguns setores sindicais e não toda a classe trabalhadora. Por esse motivo, esse tipo de pauta é evitada. Agora vai havendo tempo para que Delma se dedique enfim a uma peça de que há tempo vem reunindo informações: ela quer falar sobre depressão. Para isso, vai contar com a sua agenda de contatos. Uma agenda feita eletronicamente que vai atualizando esporadicamente. Essa agenda (com o telefone das fontes) “vale ouro”. Sobre agenda, também é importante frisar:

1. por vezes a fonte não aparece na matéria, apenas faz chegar a informação ao jornalista.

### **As idiossincrasias (09-12-2008)**

Como ontem foi feriado em Campinas, não houve cobertura na área de saúde. Mas, hoje, Delma recebeu uma denúncia, por telefone, feita por um médico sobre a falta de pagamento no local de trabalho. Antes de publicar a informação, Delma teve o cuidado de ouvir o contraditório e descobriu que a história não era, de facto, merecedora de um espaço no jornal.

O dia está apenas começando e outra informação chega às mãos da jornalista. O assunto é a reestruturação do atendimento referenciado em saúde. Na mesma ilha, outra repórter, que nos últimos dias tem feito a cobertura de movimentos políticos, é encarregada de transformar em notícia o tema Ecotarianismo.

A ideia de pauta para a elaboração de reportagem especial é da editora de final de semana. O tema não é fácil. Ecotarianismo (movimento surgido na Inglaterra, cujos adeptos só alimentam-se de produtos cuja origem não afeta o meio ambiente) é um movimento recente no Brasil e achar testemunhos para essa história em Campinas é um trabalho relativamente complicado.

### **Lifestyle e a saúde (10-12-2008)**

Ecotarianismo é uma notícia do campo da saúde, que envolve comportamento. Resolvo acompanhar a produção da reportagem, que deve ser publicada no próximo domingo. A repórter não tem nenhum conhecimento sobre o assunto, confessa informalmente. Tem apenas dois conta-

tos cedidos pela editora. Para além disso, resolve começar pela internet. A jornalista busca *websites*, jornais e revistas ligados ao assunto. O problema dela era onde conseguir fontes tão específicas em Campinas.

Entretanto, uma notícia publicada no jornal concorrente “O Estado de S. Paulo”, sobre um estudo que relata a eficiência do atendimento em saúde, tem de ser “recuperada” por Delma. Ela não consegue falar com as fontes, que estão num congresso fora de São Paulo e já falaram com a imprensa do interior.

Delma não se conforma como deixou passar essa informação. Os repórteres queixam-se que, por vezes, falta entendimento com a chefia e, até mesmo, entre os próprios jornalistas. Como resultado, uma notícia importante pode ser preterida por várias outras sem tanta relevância, mas que ocupam o tempo do profissional para serem investigadas e bem escritas.

### **A imprensa como fonte (12-12-2008)**

A reportagem sobre o ecotarianismo tem de estar pronta. Agora, a jornalista conseguiu, por meio de um colega, chegar a algumas fontes de informação sobre o assunto. Normalmente, pessoas conhecidas dos colegas de trabalho ou conhecidas das conhecidas são as que acabam por se transformar em fontes.

A jornalista resolve usar como fontes os jornais ingleses que consultou, alguns especialistas em nutrição e, se posso assim chamar, “ecotarianos”, sem os quais a reportagem acabaria por ficar só no imaginário. A busca, na internet, pela definição perfeita do conceito foi intensa.

Nesta semana, uma lição foi importante:

1. são comuns as reclamações de que as fontes aparecem quando necessitam do jornal e desaparecem quando o jornal precisa delas.

### **Trabalho nos feriados (15-12-2008)**

São mais dez dias daqui para o Natal. Os jornalistas vão trabalhar em equipes divididas. Não é fácil trabalhar com meia equipe, quando a inteira já é reduzida, queixam-se os jornalistas. As reportagens especiais para os feriados de final de ano estão todas em andamento. Muitas delas já estão prontas para serem editadas. É importante lembrar de pautar os fotógrafos. Dezembro,



diz Delma, é um mês complicado. Com as férias, os jornalistas trabalham, mas as fontes nem sempre o fazem.

Os dados que chegaram no final da semana passada de um boletim com informações sobre natalidade e gênero são o assunto do dia para a setorista de saúde hoje, uma segunda-feira. A falta de atendimento específico para homens é a informação mais relevante, pondera Delma. A notícia vai ser então elaborada sob a perspectiva da dificuldade de acesso a tratamentos.

### **Interesse das fontes (06-01-2009)**

Depois do Natal e do Ano Novo, a redação começa a voltar ao normal. A equipa volta a trabalhar com todos os seus integrantes, com exceção daqueles que estão em férias. Não são muitos, porque a empresa dá prioridade a férias entre dezembro e janeiro para quem tem filhos.

O dia está calmo e Delma recebe uma visita no jornal. Ponho-me de lado para não atrapalhar a conversa, mas logo quis saber de quem se tratava. Não era fonte alguma. “As fontes não costumam visitar o jornal, a não ser que estejam mesmo muito interessadas na publicação de determinado fato noticioso.”

O estágio está quase a acabar. Vale ressaltar: no “Correio Popular”, sindicatos e associações geram poucas pautas de saúde, pois o público que querem atingir é, normalmente, muito específico; são eles, no entanto, os procurados para falar de condições de trabalho e negligência médica, por exemplo. Segundo Delma, as associações não estão preparadas para atingir a imprensa. Informam apenas sobre ações que ocorrem dentro da própria entidade e, com isso, perdem espaço na mídia. São, na maior parte das vezes, associações de âmbito nacional, com sede em Campinas. A jornalista classifica como baixa a participação dessas entidades na elaboração da notícia. “Elas (associações) não propõem políticas de saúde, se ficam pelas questões internas”.

### **O último dia (9-01-2009)**

Último dia de estágio. Tento acompanhar o trabalho do chefe de reportagem em serviço. São normalmente dois, mas um deles está em férias.

Ele não para. Está sempre conversando com um e com outro jornalista. A ideia é atualizar as informações que tinha na pauta pela manhã, pegar retorno dos repórteres, discutir o ângulo em que a informação será tratada.

Faço algumas perguntas que julgo pertinentes. Como a pauta é elaborada? Quem são as principais fontes de informação? Como são selecionadas?

Obtenho como respostas:

1. As pautas são formuladas a partir de press *releases*, jornais e ideias dos editores ou do próprio jornalista;
2. As fontes oficiais, como as prefeituras, são as maiores fontes de informação, uma vez que têm mais recursos para divulgar as notícias que geram;
3. A seleção é feita durante as reuniões de pauta e levam em conta a importância do assunto e as características editoriais do “Correio Popular”.